



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Mestrado**

*Arqueologia e Ambiente*

**Dissertação**

**Título da Dissertação**

Contributo para o estudo das Placas de xisto gravadas da Anta 3 do  
Barrocal das Freiras (Montemor-o-Novo)  
(Volume 1)

Autor

Luís Carlos Bragança Vieira Pinto

**Orientadora:**

Prof.<sup>a</sup> Doutora Leonor Maria Pereira Rocha

2012

**Mestrado**

*Arqueologia e Ambiente*

**Dissertação**

**Título da Dissertação**

Contributo para o estudo das Placas de xisto gravadas da Anta 3 do  
Barrocal das Freiras (Montemor-o-Novo)  
(Volume 1)

Autor

Luís Carlos Bragança Vieira Pinto

**Orientadora:**

Prof.<sup>a</sup> Doutora Leonor Maria Pereira Rocha

2012

À minha filha Mariana, “Maroska”

# Índice

<b>Resumo</b>	<b>6</b>
<b>Abstract</b>	<b>7</b>
<b>Agradecimentos</b>	<b>8</b>
<b>1. Introdução e Metodologia</b>	<b>10</b>
1.1. <i>Perscrutando o tema</i>	10
1.2. <i>Metodologia</i>	12
<b>2. O conhecimento dos ambientes culturais. Um breve apontamento</b>	<b>15</b>
<b>3. Investigação das placas de xisto: Evolução historiográfica dos vetores – Interpretação da mensagem e morfologia</b>	<b>18</b>
<b>3.1. A evolução historiográfica em torno das placas de xisto gravadas</b>	<b>18</b>
3.1.1. <i>O século XIX</i>	20
3.1.2. <i>O século XX e XXI</i>	21
<b>3.2. O Ocidente Peninsular como Alfa ou como Ómega na génese? Discussão das hipóteses recentes em torno das morfologias, datações e significações</b>	<b>31</b>
<b>3.3. A dualidade no conhecimento do mundo dos vivos e dos mortos. Uma conciliação possível?</b>	<b>35</b>
<b>4. Enquadramento crono-espacial da coleção estudada: Localização do monumento megalítico, caracterização geológica e caracterização do monumento e espólio</b>	<b>38</b>
<b>5. A classificação das placas de xisto da Anta 3 do Barrocal das Freiras</b>	<b>41</b>
<b>5.1. Os elementos nas fontes primárias: o registo de Manuel Heleno</b>	<b>41</b>
<b>5.2. Resultados e perspetivas de análise</b>	<b>45</b>
5.2.1. <i>Cabeça/Campo Superior</i>	45
5.2.2. <i>Placas-Ídolos (EI 111 e Anta EI)</i>	47
5.2.3. <i>Placas anepígrafas (EI 985.55.59)</i>	49
5.2.4. <i>Placas com a temática decorativa de xadrez (Anta 117, EI 985.55.46 e EI 985.55.47)</i>	50
5.2.5. <i>Placas com a temática decorativa no corpo de triângulos</i>	51
5.2.6. <i>Placas com a temática decorativa de ziguezagues no corpo</i>	57
5.2.7. <i>Placas com o corpo em faixas verticais alternadas (EI 985.55.56)</i>	60
5.2.8. <i>Placas com a temática decorativa no corpo em “espinha” (EI 985.55.57)</i>	61
5.2.9. <i>Placas com vários elementos conjugados: híbridas (EI 989.24.2, EI 985.55.58)</i>	61
<b>5.3. A análise quantitativa</b>	<b>64</b>

<b>5.4. Os dados a reter</b>	<b>71</b>
<b>5.5. Variabilidade na estilização? Observar para além do padrão (uma aproximação às técnicas dos artífices, modalidade e uniformidade da conceção)</b>	<b>72</b>
<b>5.6. A produção das placas de xisto enquanto manifestação de especialização</b>	<b>73</b>
<b>6. Os modelos de interpretação do simbolismo gráfico</b>	<b>75</b>
<b>7. A análise geológica. Discussão das hipóteses</b>	<b>90</b>
<b>8. Conclusões</b>	<b>95</b>
<b>9. Bibliografia</b>	<b>98</b>

## Resumo

Contributo para o estudo das placas de xisto gravadas da Anta 3 do Barrocal das Freiras (Montemor-o-Novo)

**Palavras-chave:** Megalitismo; Placas de xisto gravadas

O presente estudo foi dirigido para uma coleção de placas de xisto gravadas, depositadas no Museu Nacional de Arqueologia de Portugal, provenientes de um monumento megalítico, localizado em Montemor-o-Novo (Alentejo Central). Foi escavado por Manuel Heleno, na primeira metade do século XX.

Partindo de uma base já existente, nos míticos cadernos de campo deste investigador, desenvolveu-se uma abordagem com novos pressupostos, contrariando-se a visão assente na homogeneidade do conjunto sobre a unidade. Se efetivamente parece existir uma uniformidade conceptual, com semiótica partilhada entre as peças, não se ignoram as particularidades da unidade, com traços eminentemente individuais.

Esboçam-se algumas ideias sobre a complexidade das hipóteses de significados, em que a placa de xisto gravada parece ser o resultado de uma osmose, num quadro mais vasto, uma possível micro âncora substitutiva de certos elementos de uma comunidade humana, fruto de uma fusão operada entre o real e simbólico.

## Abstract

Contribution to the study of the engraved stone plaques of Anta 3 Barrocal das Freiras (Montemor-o-Novo)

**Key-words:** Megalithism; Engraved stone plaques

The present study was directed to a collection of engraved slate plaques, deposited in the National Archaeological Museum of Portugal, from a megalithic tomb, located in Montemor-o-Novo (Alentejo Central). Was excavated by Manuel Heleno, in the first half of the twentieth century.

Starting from an existing base in the mythical field notebooks of this researcher, we developed a new approach assumptions, contrary to the vision based on the homogeneity of the whole on the unit. If indeed, there seems to be a conceptual uniformity with shared semiotics between the parts, should not be ignored the particularities of the unit, with individual traits.

Outline some ideas about the complexity of the hypotheses of meanings, where the engraved slate plaque seems to be the result of osmosis, in a broader framework, that can consist in a substitute micro anchor of some human community elements, fruit of a merger operated between real and symbolic.

## Agradecimentos

Um trabalho desta natureza, percorre fases, envolve pessoas a quem queria naturalmente agradecer.

Para lá do(s) interesse(s) científico(s) numa área, um aluno só pode atingir o objetivo a que se propõe, funcionando em rede.

Desde já, agradeço a um mestre na arte da interpelação, o meu antigo Professor de Filosofia, Abílio Pires, reforçada pelo seu livro *O Silêncio das Pedras*.

Para realizar uma dissertação sobre qualquer tema, o sentido da permissão e aconselhamento do orientador é condição vital para a obtenção de um trabalho que se pretende consequente. Antes do ingresso do curso *Arqueologia e Ambiente*, tive o privilégio de saber que a responsável pelo mesmo, seria a Prof.<sup>a</sup> Doutora Leonor Rocha. Evidentemente, tornava-se indispensável que uma académica com cartas dadas na Pré-História Recente, aceitasse a proposta. Agradeço as suas contribuições para se atingirem melhores resultados. Ao meu antigo Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Prof. Doutor Victor S. Gonçalves, pela sua introdução no tema, hoje facilmente consultável pela múltipla bibliografia presente na página de internet da Uniarq.

Ao Prof. Doutor Luís Raposo, digníssimo responsável do Museu Nacional de Arqueologia, onde se encontravam as peças para estudo, agradeço a concessão da necessária autorização. Também queria agradecer à responsável pelo inventário, a Dra. Luísa Guerreiro pela sua disponibilidade e paciência e pela particular cedência do estúdio de fotografia do Museu. À D.<sup>a</sup> Carmo, já conhecida de vários anos de fruição da biblioteca, lendária pelo conhecimento profundo da base de dados, mais rápida do que um computador. À Dra. Filipa Bragança, do IGESPAR, I.P. pela cedência de dados georreferenciados.

Ao Mestre José Quintã Ventura, pela inteligência dos conselhos no tratamento gráfico. À Prof.<sup>a</sup> Katina Lillios e ao Prof. Doutor Manuel Calado, pela sua disponibilidade nos *mails* trocados e sugestões de leitura e abordagens.

Para a Dr.<sup>a</sup> Nélia Romba no seu contributo do tratamento gráfico. Ao Danilo Pavone, pelos conselhos profissionais na área da fotografia.

Ao Prof. Doutor José Mirão, do centro Hercules (Herança cultural, estudos e salvaguarda), da Universidade de Évora, pela preciosa consultadoria na área da mineralogia/geoquímica.

Sem hierarquia, agradeço a toda a minha família, especialmente à minha esposa e filha, pelo incondicional apoio, e, no inicial interesse demonstrado pelo meu Pai, precocemente desaparecido.

# 1. Introdução e Metodologia

*«Não há conhecimento «espelho» do mundo objectivo. O conhecimento é sempre tradução e construção. Resulta daí que todas as observações e todas as concepções devem incluir o conhecimento do observador-conceptualizador. Não ao conhecimento sem autoconhecimento. Todo o conhecimento supõe ao mesmo tempo separação e comunicação. Assim, as possibilidades e os limites do conhecimento relevam do mesmo princípio: o que permite o nosso conhecimento limita o nosso conhecimento, e o que limita o nosso conhecimento permite o nosso conhecimento. O conhecimento do conhecimento permite reconhecer as origens da incerteza do conhecimento e os limites da lógica dedutiva-identitária. O aparecimento de contradições e de antinomias num desenvolvimento racional assinala-nos os estratos profundos do real.»*

Edgar Morin, in “Os Meus Demónios”.

## 1.1. Perscrutando o tema

O âmbito de um estudo de materiais, nomeadamente ideotécnicos é em si um desafio potenciador da manifestação de campos de hipóteses. Um desses objetos, é a placa de xisto gravada que se encontra sobretudo nos contextos funerários no Ocidente Peninsular, entre o Neolítico Final e o Calcolítico Inicial (3250 a 2500 a.C.). Não deve ser “suspensa” isoladamente, deve poder fazer parte de um mundo do pacote material e estrutural, que realmente não pode ser ignorado (Bueno, 2010). Quando o tempo é largo, habitualmente denominado por longa diacronia, a certeza da tarefa é ampliada exponencialmente. Observar um objeto que faz parte de um *concupiendi modum* de um determinado indivíduo ou comunidade é um sincretismo passível de uma assimilação parcial, mas que interessa visceralmente. O “mundo” da conceptualidade é o veículo da projecção de uma realidade que viaja desde um tempo que já não é o nosso, mas que ainda tentamos visualmente e cognitivamente alcançar. Como uma *supernova* que já emitiu a sua luz, que nós podemos medir, que podemos interpelar, numa certeza - aquela paleta de cores e radiações é uma projecção que nos chega hoje de um passado longínquo que na sua origem deixou de existir. Uma materialidade que afinal não é mais do que outro estado para chegar ao sujeito.

Numa ciência que estuda o Homem, essa materialidade é um meio e não um fim. É um instrumento fenomenológico da procura de determinação da estrutura. Um dos problemas de se trabalhar numa disciplina, é partir logo da premissa que ela não alcança tudo. Se existisse a “Teoria de Tudo” em Ciências Sociais, ela só poderia ser válida se complementada com as mais diversas áreas do saber (dando como exemplos a antropologia, etnografia, sociologia, estatística, modelos preditivos, geologia e análise geográfica, entre outras especialidades). Mas a compartimentação dos saberes parece ainda ter uma força alavancada nas academias (cada vez mais diluída, porém). Tentar ser objetivo, como se pode ser positivamente, na calibração da medição não deve excluir a subjetividade, afinal um mundo de binómios que se complementam, induzimos nós, «que nunca poderão ser anulados na totalidade e que, em determinadas circunstâncias, até são fundamentais para nos aproximar ao objeto da nossa análise» (Valera, 2010).

Num mundo natural que tem uma carga de antinomias ou binários (0 e 1 que se vão combinado), afinal tão própria da génese do homem inserido num cosmos, hoje parcimoniosamente em cadeias de paradoxos, tal parece ser a representação de símbolos geométricos, interpretação essa derivada da mente moderna, em que a forma do objeto é modelarmente semelhante. No entanto, a ambiguidade dos temas não pode ser facilmente explicado pelo código binário (Thomas, 2004, pp. 171-201). Esta forma de interpretação é avançada por Lévi-Strauss, que percebe o mito compreendendo as múltiplas oposições binárias (Lévi-Strauss, 1967). Ian Hodder, apela à ajuda das perigosas, mas não menos imprescindíveis analogias, destes contrários: homem - mulher; vida - morte; selvagem - domesticado; dentro - fora (Lewis-Williams e Pearce, 2005).

Para lá das coordenadas espaciais e temporais da concha peninsular ibérica, Catalhöyük, nos alvares do Neolítico, mostra uma imagética que compreende motivos antropomórficos representativos e geométricos, proporcionando uma osmose de mundos. Triângulos, quadrados, ziguezagues, fazem parte do pacote do inconsciente transportado para o consciente que produz uma panóplia de símbolos que aglutinam uma visão cosmológica do homem Pré-histórico. As placas de xisto gravadas remetem para esse mundo modelado por uma estrutura cognitiva universal, onde os indivíduos

constroem um mapa cognitivo do mundo onde se inserem (Renfrew e Bahn, 1991, p. 342).

## **1.2. Metodologia**

Para este trabalho foi escolhida uma coleção de uma área de transição entre o Litoral e o Interior, mais especificamente Montemor-o-Novo (Alentejo Central), procurando ressuscitar algum do espólio que se encontra no Museu Nacional de Arqueologia, do vasto conjunto que Manuel Heleno recolheu pelos sítios que foi pesquisando na primeira metade do século XX. Trata-se em primeiro lugar, de um estudo que dá um enfoque particular às placas de xisto gravadas da Anta 3 do Barrocal das Freiras, não esquecendo, porém, todo o enquadramento temático que tem vindo a ser produzido sobre o assunto nestes últimos 133 anos. Em consequência abarcam-se realidades estruturais e materiais antigas com os dados mais recentes, embora com algumas balizas nas várias dissertações existentes para os sítios Neo/Calcolíticos.

A elaboração de uma metodologia que seja consistente com o propósito do estudo que se faça, é uma construção *à priori*. Não inviabiliza que haja a necessidade da existência de adições ao longo do processo de construção do quadro descritivo e interpretativo. Para a análise do espólio concreto das placas de xisto gravadas, foram criadas duas tabelas (em *MS Excel™*), que foram sendo realizadas no Museu Nacional de Arqueologia. Uma tabela destinada para a descrição dos atributos físicos e outra para a descrição dos motivos gravados (Volume 2, Ponto 4), para uma leitura mais simples e desdobrada dos elementos descritos. Naturalmente, os elementos presentes neste trabalho, encerram uma escolha de critérios e uma interpretação do investigador, e, faltando uma normalização de critérios, optou-se por utilizar alguns parâmetros reconhecidamente úteis (Gonçalves, 2003b e 2011). E estas escolhas não invalidaram, contudo, as leituras que nalguns casos foram condicionadas pelo grau acentuado de fragmentação de algumas das placas. Felizmente para a análise do espólio, os danos não foram impeditivos. Tendo em conta que não foram usadas técnicas de conservação/restauro, procedeu-se tanto quanto possível, à remontagem dos

fragmentos com dimensão que permitissem uma agregação dos elementos pétreos constituintes das peças.

Em termos descritivos, adotámos, na tabela de atributos físicos, os seguintes parâmetros: **REF** - Referência das placas atribuídas pelo inventário do MNA; **EST** - Estado genérico das placas de xisto; **PES (grs)** - Peso na unidade grama (balança eletrónica com precisão  $\pm 4$  gr.); **MAT Xist..** - Material específico geológico selecionado para o suporte de gravação; **FOR** - Formato da peça (Trapezoidal, Subretangular, Ovalar ou outra); **DESG** - Grau de observação macroscópico do desgaste visível da peça; **EXEC** - Execução na gravação dos traços; **PERF Top.** - Forma da perfuração (Bem cuidada, Relativamente bem cuidada, Descuidada); **TRA** - Largura do traço na gravação (Larga, Média e Fina); **NCAMP** - número de campos existentes; **SEP camp.** - proporção da distribuição dos campos no suporte (1/2, 1/3 e 1/4); **TP Sep.** - Tipo de separação entre campos existentes (Fina, Média e Larga); **DISP Dec.** - A decoração é unifacial, bifacial ou trata-se de uma peça anepígrafa; **ALT total** - Altura da peça em milímetros; **LAR CP Sup.** - Largura do campo superior em milímetros; **LAR CP Inf.** - Largura do campo inferior em milímetros; **ESP Mes.** - Espessura mesial da peça em milímetros; **ALT Sep.** - Espessura das faixas entre campos em milímetros/ou linhas; **ALT Sep. 1 (Camp sup.)** - Altura do campo superior em milímetros; **DIM fx.1 até fx. 16** - Dimensão das faixas no campo inferior em milímetros (da faixa superior a seguir à separação para a base, nas peças com bandas); **OBS** - Peculiaridades específicas das peças tendo como objetivo descrever e interpretações possíveis).

Para a tabela dos atributos da temática decorativa optou-se por três grandes parâmetros que abordam as questões dos itens utilizados para a gravação: **REF** - Referência das placas atribuídas pelo MNA; **TEM dec dom** - Temática decorativa dominante (tendo como diretiva primária os elementos geométricos); **TEM dec sup** - Temática decorativa do campo superior; **TEM dec inf** - Temática decorativa do campo inferior.

Estas tabelas (Volume 2, Ponto 4: Listagem em matriz) serviram para a construção de gráficos de vários tipos (barras, circulares e de espalhamento) na aplicação *MS Excel™*.

Posteriormente, nas instalações específicas no M.NA., avançou-se para a realização de fotografia *macro*, com equipamento específico (utilizando-se as recomendações específicas deste tipo de registo (curso fornecido para espólio arqueológico de Danilo Pavone), com iluminação a tungsténio, obtendo-se representações à escala 1:1 (Volume 2, Ponto 1: Registo Fotográfico), das faces pertinentes da quase totalidade das peças (64 das 65 das placas inventariadas). Desta base utilizou-se uma aplicação informática para efetuar a inversão de cores (para o realçamento da gravação permitindo ao observador obter um nível de detalhe que a fotografia normal não permite (tratamento nas duas fases com o *Gimp 2.6*<sup>TM</sup>). Ao longo do texto as figuras das placas de xisto decoradas não têm escala (apenas pretendem elucidar o leitor das observações descritas). Selecionaram-se trinta peças com o intuito de serem representadas em desenho, utilizando-se uma técnica já mais consolidada em arqueologia, como plataforma de tratamento digital (escala 1:1), o *Adobe Illustrator CS5*<sup>TM</sup> (Volume 2, Ponto 2: Desenhos). O critério da seleção destas placas de xisto foi a determinação das placas relevantes na amostragem dos elementos da temática decorativa e dos particularismos individuais das mesmas. Para a representação espacial de localização e para a construção de um modelo de análise de probabilidade de captação de matérias-primas utilizou-se o *ESRI ArcGIS 10*<sup>TM</sup> (*ArcGIS Catalog, ArcGIS Map e ArcGIS 3DAnalyst*): (Volume 2, Ponto 3: Cartografia).

Para o estudo da tentativa da obtenção de pistas, para a origem da matéria-prima, procedeu-se a um pedido de colaboração com o Instituto Hercules da Universidade de Évora (Volume 2, Ponto 5: Geologia, análise de amostras), tendo-se realizado recolhas pontuais de xisto em zonas assinaladas em carta geológica, próximas do monumento Anta do Barrocal das Freiras 3, onde Manuel Heleno recolheu as peças. A questão geológica tem-se mantido em aberto. Existiriam centros produtores especializados no fabrico destes itens ou seriam feitos nos povoados adjacentes? Coexistiriam as duas soluções? O estudo geoquímico parcial pretendeu iniciar um caminho.

## 2. O conhecimento dos ambientes culturais. Um breve apontamento

*«It is not the truth that a man possesses, or believes that he possesses, but the earnest effort which he puts forward to reach the truth, which constitutes the worth of a man.»*

Gotthold Ephraim Lessing, séc. XVIII

Concretamente no Megalitismo funerário, onde são encontradas as placas de xisto gravadas, no pacote habitualmente presente (pontas de seta, geométricos, cerâmica lisa, machados e enxós de pedra polida), mas em âmbito territorial restrito (Sudoeste Peninsular), a estrutura social do Neolítico, carece ainda de conexões que permitam estabelecer modelos de razoável aproximação aos contextos identificados. Se a correspondência entre sítios habitacionais e sítios funerários permanecem muito difíceis de estabelecer, as datações absolutas continuam sem uma sequenciação consistente que permitam escalonar os diferentes arqueosítios em datas precisas. A dificuldade maior surge para a identificação de sítios do Neolítico Médio, que tenham um tipo de cerâmica encontrada nas antas, a cerâmica lisa. Tal escassez na identificação, poderá estar relacionada com a sedimentação de vales onde se localizavam os povoados (Gonçalves, 2000, p. 7) e o pouco investimento na investigação (prospecção) destes sítios. Em Reguengos de Monsaraz uma vaga de sítios (50 ao todo), proporcionou recentemente mais conhecimento como os povoados do Monte Novo dos Albardeiros, TESP 3, Areias 15 e 16 (Gonçalves, 2000, p. 15) e o emblemático povoado dos Perdígões (Valera, Lago, Duarte, Evangelista, 2000).

No entanto o conhecimento existente foi radicalmente alterado com o mega projeto do Alqueva, que propiciou a identificação e escavação de sítios como o Xarez 12 ou Carraça I e mais recentemente com os sítios descobertos e/ou intervencionados durante a abertura de redes de canais, como são exemplos os povoados Pinheiro 4, Porto Torrão ou Murteira 6.

Ora o Megalitismo, não deve ser visto sem uma fase prévia de assentamento de populações, na transição do Mesolítico para o Neolítico Inicial, na faixa Litoral mas também já em locais não tradicionalmente desprovidos de naturais condições de

segurança, como sucede com São Pedro de Canaferrim, em Sintra, na gruta do Escoural (Montemor-o-Novo) ou no Buraco da Pala (Diniz, 2000). Se as sepulturas mais pequenas, em ferradura ou retangulares, parecem ter constituído a solução no Neolítico Antigo/Médio, (Calado, 2004) as grutas fazem parte de uma realidade já existente, mais viradas para o exercício de rituais de enterramento (Zilhão, 1992). As construções megalíticas carecem de uma outra organização comunitária, à semelhança do que vinha acontecendo com a colocação de menires, com outra força de trabalho, mais beneficiando de um quadro mental de pertença dos indivíduos a uma conceção de âncoras paisagísticas, das quais são relevantes os menires, as antas, os *tholoi* e os fossos existentes nos povoados. O inumado é agora encarado como um sujeito integrado numa comunidade de semelhantes, não necessariamente iguais entre si. Já numa fase avançada vários sítios que têm vindo a ser escavados, um dos mais emblemáticos, Carrascal II em Ferreira do Alentejo, demonstram uma intensa utilização de espaços escavados na rocha, para a colocação de inúmeros enterramentos. Tal investimento, num âmbito mais funcionalista, resultaria de um maior apego aos territórios, que permitiam em ciclos mais ou menos previsíveis, a obtenção de alimentos através da domesticação de espécies vegetais e animais, não excluindo, porém, os recursos que a natureza fornecia através da recolha, que o homem ainda não tinha posto de parte, na totalidade. Mais a Norte, na plataforma do Mondego, essa recolha e a utilização intensiva da bolota, parece ainda revestir-se de enorme importância na estratégia de alimentação (Martinez e Ventura, 1999, p. 13). Numa abordagem mais ideológica, uma maior previsibilidade de obtenção do necessário para viver, teria modificado o quadro mental na gestão temporal. Esse dado, que é insuficientemente tratado na literatura no estudo desta cronologia, só podia ser modificado porque um mundo organizado nas cíclicas colheitas, permitiria ao ser humano dispor de mais algum tempo para imaginar o que depois seria estruturado pelo simbólico (Lacan, 1991). Mas uma das características desse momento, é a clara intencionalidade em separar o mundo dos vivos e dos mortos, criando para isso, infraestruturas próprias, artificiais que derivarão de uma conceção imbuída de significados simbólicos de que são exemplos as orientações dos monumentos funerários, a deposição de determinados pacotes artefactuais (machados, recipientes em cerâmica, báculos, placas de xisto), o processamento dos corpos e até a própria

arquitetura das estruturas. Os rituais percebidos com a aparente intencionalidade de colocação no limite da entrada destes monumentos de outros objetos, os dormentes e moventes, deverá ser encarada como uma procura, expresso por um termo muito adequado - «domesticar a morte» (Diniz, 2010). Cada região teria os seus próprios particularismos, dentro de uma conceção comum, mas com dimorfismos regionais.

Um monumento megalítico, como uma anta, de facto com tantas sobreposições de enterramentos, dificulta uma interpretação dos momentos de utilização. E ainda mais para sítios escavados com a perspectiva de somente se exumarem “coisas”, perspectiva de uma arqueologia da primeira metade do século XX e mais tarde ainda, com muitas falhas. Faltam datações absolutas, perdeu-se a contextualização dos achados e a sequenciação estratigráfica e talvez a análise de certas recolhas de alguns vestígios orgânicos que poderiam ter sido feitas. Perderam-se peças para montar o *puzzle*, já de si difícil de elaborar pela fragmentação da informação. Mas hoje com uma nova metodologia, não tenhamos ilusões, também não fazemos todas as análises de tudo aquilo que poderá ser realizado no futuro. É por isso que num primeiro momento, um espaço coletivo desta natureza poderia corresponder ao último reduto de um membro comunitário, podendo ser um chefe ou um feiticeiro; no entanto essas sobreposições temporais hoje podem não ser percebidas, pois encontramos contextos de uma enorme complexidade, de reutilizações variáveis de monumento para monumento, de carácter coletivo.

### **3. Investigação das placas de xisto: Evolução historiográfica dos vetores – Interpretação da mensagem e morfologia**

*«Se já é difícil deslindar os factos mais simples da vida...  
mais difícil ainda será entrar na  
cabeça das pessoas e tentar obter  
um indício daquilo em que acreditavam  
e de como pensavam. Se nem sequer somos  
capazes de ler o pensamento do nosso  
esposo ou esposa (ou preferíamos não o  
fazer!) depois de uma data de anos de  
casamento, imaginem o desafio que é  
reconstruir aquilo que tem sido chamado,  
num jargão horrível, «formas mentais  
pré-históricas.»*

Bahn, 1997, p. 57

#### **3.1. A evolução historiográfica em torno das placas de xisto gravadas**

Um dos aspetos que tem vindo a ser sistematicamente desenvolvido nas monografias, artigos diversos ou em publicações de arqueologia, com ritmos próprios da investigação portuguesa e espanhola, nestes 133 anos, tem sido o panorama da interpretação da temática intrinsecamente gravada, nas placas de xisto. Desde cedo (século XVII), os investigadores foram despertados (Simões, 1878; Estácio da Veiga, 1887; Leite de Vasconcellos, 1897; Morgan, 1897) pelo desafio que seria, a inalcançável descodificação das várias temáticas iconográficas, que os homens das sociedades agricultoras do Sul Peninsular, maioritariamente nos monumentos megalíticos do Alentejo, muito presentes na região de Évora e mais residualmente nas Penínsulas de Lisboa, Setúbal e o norte do Tejo e Algarve, tinham imprimido em suportes xistosos.

É óbvio que tal objetivo não dispensaria os autores, que desde os meados do séc. XIX, se têm dedicado à mais difícil das tarefas, à interpretação do significado da morfologia, dos traços e linhas, inúmeras vezes ocupados por formas geométricas que também poderiam, numa atitude imediatista e diriam uns, redutora, suscitar explicações pouco fundamentadas. Não se nega que algumas dessas formas possam mesmo ter desempenhado somente a ocupação de espaços livres, mas tendo em conta outros dados não inteiramente fornecidos pela arqueologia, é possível dar outras visões de um mundo ainda não totalmente compreendido.

Para um plano mais secundário, parâmetros ligados à descrição e classificação tipológica, traceologia e contexto geológico que tiveram necessariamente de ser tratados, trabalho esse que resulta como algo essencial para alvitrar qualquer tentativa de explicação, ainda que por mais incipiente.

Um dos temas mais complexos, mas também que mais desafia o investigador da Pré-história, é, além do sempre intrincado estudo tipológico e funcional dos materiais que vão sendo recolhidos em inúmeras jazidas, o estudo ideológico/simbólico, a que alguns artefactos se reportam. Tal sucede com este particular objeto, a placa de xisto gravada, que nos surge principalmente no Alto Alentejo e no Alentejo Central, onde se contam milhares de exemplares, talvez 4000 peças e mais residualmente, na Península de Lisboa e Setúbal, no Algarve e na vizinha Espanha, em Huelva e Badajoz, portanto áreas bem localizadas, que não vão muito além das fronteiras atuais, podendo denunciar trocas potencialmente assíduas (Gonçalves, 1999, p. 114). Apesar de meritória, a constituição de um *corpus*, ao abrigo do projeto «*Placa Nostra*», dirigido por Victor S. Gonçalves, as “coleções particulares” já descontextualizadas ficarão provavelmente de fora, deduzimos nós, ignorando-se o seu real número e tipologias.

### 3.1.1. O século XIX

Um dos primeiros autores a aparecer na historiografia, quase sempre esquecido nas recentes monografias, para falar deste tema, é Augusto Filipe Simões (Simões, 1878). Desde logo propôs uma explicação desligada da Deusa-Mãe. Ia buscar paralelos entre gravações na Patagónia e as Portuguesas. Considerava-as amuletos, insígnias ou emblemas de objetos de culto. Émile Cartailhac, um pouco mais tarde, assumia que se tratariam de objetos de adorno e símbolos de poder (Cartailhac, 1886).

Desde os alvares da arqueologia, no séc. XIX, que grandes personalidades científicas como Estácio da Veiga (1887) e Leite de Vasconcellos (1897) se reportavam a estas misteriosas peças que despertavam uma multiplicidade de opiniões. A propósito de Estácio da Veiga, é curiosa a sua afirmação. Hoje, considerar-se-ia muito lúcida, nos multiversos de possibilidades:

*«Não se pôde porém afirmar que as referidas placas de schisto representem a origem do culto consagrado ao symbolo gerador de vida, conquanto a sua configuração possa vagamente suscitar esta idéa. Podem ter tido mui diversa significação, e até ser possível ainda deduzir-se das condições archeologicas em que sejam achadas mais algumas. Por emquanto nada se sabe.»* (Veiga, 1887, p. 439). No entanto e certamente não desligada da ideologia da época, colocava-as como objetos de orgulho nacional, erradamente julgava que se encontravam só no território português e hoje sabe-se que estão também presentes no Sudoeste Espanhol. Notava uma intensa heterogeneidade das placas apesar da sua unidade conceptual. Para algumas propôs que teriam gravados hieróglifos.

Em 1897, Leite de Vasconcellos, tinha uma opinião algo diferente para os “seus” apelidados «chapões», afirmando terem a ver com uma significação religiosa (Vasconcellos, 1897, p. 160). Temos para nós como mais relevante, o seu contributo para a observação das diferentes estratégias na gravação, as analogias com objetos contemporâneos. Na mesma época Morgan, fazia a primeira ligação dos objetos com o Oriente, imbuído da corrente difusionista, nomeadamente com o Egito (Morgan, 1897).

### 3.1.2. O século XX e XXI

Já no séc. XX, Siret, retoma a ideia de Morgan, para a origem orientalizante das placas de xisto (Siret, 1913). Em 1917, Vergílio Correia, esforça-se por dar outra panorâmica ao tema, não hesitando em dizer, que as ditas placas se reportariam a uma divindade feminina que se teria manifestado no Neolítico e no Eneolítico numa extensa área Europeia.

A grande novidade trazida logo depois, em 1920 por E. Frankowski, consagrava novas explicações, cada vez mais complexas, indo buscar contributos à antropologia e etnografia. Através de vários exemplos etnográficos, o autor revela-nos novas abordagens, em relação ao rito, à funcionalidade de tais objetos e a várias contestações que convém desenvolver. Uma das grandes ideias a extrair da sua dissertação, refere-se ao facto encontrado em diversas comunidades, ainda que de cronologias díspares e espacialidade ampla, da deposição de uma imagem no interior das sepulturas, onde se dava o exemplo das figurinhas que acompanhavam os egípcios além morte (Frankowski, 1920, p. 8).

Chegado ao momento de dar exemplos práticos, este investigador não se imiscui de nos fornecer casos de sociedades ditas primitivas que poderiam demonstrar o que vinha afirmando. Assim era observado nos “Ostiacos” siberianos, uma prática interessante. Era esculpida uma estátua de madeira que representava o morto. Essa mesma estátua era deixada sobre o sepulcro, onde os seus entes queridos vivos, durante meses, lhe ofereciam sacrifícios (Frankowski, 1920, p. 15). Os relatos não se esgotam aqui. No extremo Oriente, na longínqua China, em tempos históricos, encontravam-se intrigantes placas funerárias, que serviriam precisamente para albergar a alma do morto, tendo algumas afinidades com as egípcias (Frankowski, 1920, p. 15). Para as áreas da Baviera, Alto Palatinado, Bohemia Alemã e Áustria, surgiam rudes plaquetas de madeira sobre as quais se depositaria o morto depois do seu falecimento. É mencionado assim, que muitas dessas placas em algumas regiões eram colocadas nos jardins perto de habitações (Frankowski, 1920, p. 17).



Figura 1 – Placas em grés com representações antropomórficas. Fotografia de Jorge de Oliveira, 2006.



Figura 2 – Placa de xisto gravada com a iconografia superior com olhos. Segundo Hurtado, 2008.

Totalmente contrário, era em relação à já vinculada ideia no meio científico, de que as mesmas placas seriam representações de deusas protetoras dos inumados e à ideia da fertilidade que do seu culto poderia resultar. Tudo o que tinha observado pela via etnográfica levava-o a concluir que a placa seria em primeira instância para representar o morto. Outro dos seus contributos que destacamos, é o facto destas mesmas peças sofrerem uma evolução tipológica. De antropomórficas, com ombros bem destacados, as perfurações simulando os olhos, às vezes com nariz e sobrancelhas, colares, e mesmo braços e mãos, passava-se a uma fase mais estilizada, tanto no estilo como na

morfologia. Na última fase a estilização seria mais evidente, chegando mesmo a desaparecerem traços que permitiriam associar o objeto ao sujeito. Várias alterações tinham sido registadas, que levariam ao avanço de sugestões. Do simbolismo primitivo, ter-se-ia dado lugar a uma propensão para utilizar tal objeto em missiva ritual. Também as duas perfurações, mais propícias ao equilíbrio na fase da suspensão, se admitirmos que ela se desenrolou, deram lugar a uma perfuração, podendo demonstrar continuidade na importância revelada do objeto, com menos funcionalidade na suspensão.

Como nem todas as opiniões são aceites por todos os autores, surgia outra voz em 1924, que discordava desta opinião. Para Mendes Corrêa não havia dúvidas: *«trata-se ao que se supõe, de representações esquemáticas e estilizadas duma divindade feminina e com o rosto tatuado»* (Corrêa, 1924).

Henri Breuill, dando o seu precioso contributo de pré-historiador, introduzia uma obra de qualidade, na época, que mostrava várias representações de placas-ídolos de xisto de proveniência contextual ligada a dólmene e grutas sepulcrais eneolíticas de Portugal e da Extremadura Espanhola, além de uma proveniente de Los Millares (Breuill, 1935).

Mais tarde, o casal Leisner, com o mítico espírito organizativo e metódico, avançava na procura das origens e significados, resumindo num breve esquema as diversas representações que tinham vindo a ser observadas no Sul de Portugal:

- 1 – Placas de contorno recortado;
- 2 – Placas trapezoidais que ostentam além da ornamentação geométrica, uma série de símbolos que, no seu conjunto lembram uma cara;
- 3 – Placas de ornamentação puramente geométrica;
- 4 – Placas de forma recurvada, chamadas «báculos».

Para o casal alemão era evidente que a placa ibérica estava intrinsecamente ligada ao ídolo almeriense. E esse ídolo estaria muito ligado aos ídolos orientais. Os Leisner

detetavam assim as afinidades e afastamentos: «*A placa de xisto alentejana contém, além do elemento relacionado com aquele círculo cultural, outros elementos estranhos ao ídolo almeriense: em primeiro lugar um parentesco vago com as paletas pré e proto-dinásticas do Egito; em segundo lugar a sua ornamentação geométrica, cuja origem pode ser procurada no próprio neolítico ibérico...*» (Leisner, 1951, p. 129). Afirmavam que o conjunto de ideias religiosas expressas nas placas, como a particularidade da figuração antropomórfica, não encontrava paralelos nem com o Norte e Oeste da Europa, nem com a área pirenaica. Parecia consensual que a nova representação estranha aos primeiros agricultores alentejanos, teria vindo do Oriente, via marítima, com povos em busca de minerais, o que mais tarde se indicava como eventual móbil de interesse para a colonização fenícia.

Igualmente na década de 50 do século passado, Manuel Heleno, retomava uma ideia de Frankoswki, que as placas poderiam constituir a representação do morto ou noutra alternativa, representaria os seus antepassados (Rocha, 2005).

Os dois tópicos caros ao casal Leisner, a ordenação e a origem criaram mais tarde contestações. Fernando de Almeida e O. Da Veiga Ferreira (1956) não entendiam o porquê do situar das placas antropomórficas do Museu de Idanha-a-Velha, no grupo III, alínea a, ou mais especificamente nas placas de cruz oblíqua, pois aquelas não teriam sinal algum, por isso as colocavam noutra grupo, o primeiro.

Sob a responsabilidade de Luís de Albuquerque e Castro, as placas ganhavam um estatuto novamente antropomórfico, propondo-se pela primeira vez uma hipótese de como seriam gravadas - com objetos de quartzo e sílex (Castro, 1963). A partir de um único exemplar, com elementos oculares, Gimbutas, retoma de novo a ideia da Deusa-Mãe (Gimbutas, 1974). Almagro Gorbea, tenta arranjar uma fórmula de categorização, dos para ele apelidados ídolos ibéricos:

- A) Placas sem decoração;
- B) Placas com uma perfuração do olho gravado;
- C) Placas com decoração geométrica
- D) Placas com decoração incisa com contraste claro/escuro;
- E) Placas com recorte antropomórfico;
- F) Placas cerâmicas com 4 perfurações.

Finalmente agrega os diversos motivos (xadrez e o ziguezague), como significantes do útero (Gorbea, 1969).

É nesta pretensa insuficiente incapacidade de classificação que autores como Ana Maria e Jorge Sá Pinto (1979), propõem um esquema assente em pressupostos geométricos elaborados, no apelidado método analítico, que teria a função de diminuir/restringir ao essencial a diversidade dos materiais conhecidos. Haveria assim a título de exemplo, três grandes grupos, que eram definidos pela faixa de separação, que dividia a placa em dois campos distintos, o campo superior e o campo inferior.

Isabel Lisboa, mais tarde tem uma nova perspectiva, talvez potenciadora da nova tese de Lillios, em que critica severamente a teoria da interpretação da Deusa-Mãe, afirmando que não existia suporte documental para a conexão dos olhos com o elemento feminino. As datas para a categorização também são questionadas. Surge pela primeira vez a ideia que desempenhariam o papel de transmissores de mensagens de controlo do cosmos, tendo uma função heráldica. (Lisboa, 1985, pp. 181-196).

O contributo de Maria da Conceição Rodrigues, foi o de firmar um novo método que permitia a descodificação das temáticas decorativas, que se mostraria mais simplificado e mais eficaz, para a diversidade encontrada, em diversos contextos intercontinentais, para afirmar a significação da «*Magna Mater*» (Deusa-Mãe). A composição tripartida transmitiria a cosmologia ibérica antiga. Uma vastidão de analogias dos mesmos períodos são avançados, nos quatro continentes do planeta (Rodrigues, 1986). Na mesma linha de pensamento de I. Lisboa, Edmund Carpenter e Carl Schuster viriam a propor forte ligação da heráldica europeia e dos têxteis (Carpenter e Schuster, 1988).

Um dos contributos mais assinaláveis no panorama arqueológico, sobre o tema das significações, conceptualização de termos (nova nomenclatura), nomeadamente nas datações absolutas, entre outras questões, nos últimos 50 anos, é fornecido por Victor S. Gonçalves. De facto já a partir da década de 70, este investigador, traça as grandes linhas do conhecimento sobre estes artefactos. No que concerne às questões de morfologia, somos alertados para uma questão vital na prossecução do desenvolvimento deste tema. Para além dos espaços tradicionalmente já conhecidos onde se registavam estas peças, como antas, *tholoi*, grutas naturais e grutas artificiais,

passava-se a dar relevo aos povoados, como polos de produção, e difusão, num eixo espacial bem definido. Assim surgem nomes como Cova das Lapas (Alcobaça), Cabeço do Pé da Erra (Coruche), onde é detetado, nas palavras do autor um «atelier» de gravação de placas de xisto, Sala nº 1 (Vidigueira), onde foi recolhida uma placa de xisto sem gravação e vários fragmentos de outras, essas sim gravadas, em Vila Nova de S. Pedro (Zambujal), na esfera estremenha (Gonçalves, 1999, p. 116).

Na questão das datações um novo capítulo é assegurado. Várias datas são assim expostas, com a fiabilidade necessária. Vários espaços são abordados, começando pelas antas de Bola da Cera, Coureleiros 4, passando por grutas como Cova das Lapas, Lapa do Fumo, e o tholos - Olival da Pega 2b, em diversos níveis, terminando em habitats - Cabeço da Erra, Sala nº 1, apontando para um intervalo situado entre os 3497-3041 Cal BC a 2 sigma, como trecho mais antigo e 2900-2501 Cal BC a 2 sigma, dando um tempo de utilização bastante alargado de quase um milénio (Gonçalves, 1999, p. 116). É assim mensurável a utilização das placas em termos temporais. Já não se diz que os artefactos são meramente utilizáveis na última fase do Neolítico. Existem assim placas com decoração geométrica no IV milénio, prolongando-se até à primeira metade do III milénio, antes de Cristo.

Questões que procuravam indagar como quais as peças mais antigas, se as geométricas, se as antropomórficas, além do seu “*background*” cultural ficavam por esclarecer. E era extremamente complexo poder-se chegar a uma conclusão relativa. Porquê? Devido a peças de características diferentes aparecerem num mesmo pacote artefactual de um determinado monumento como sucede na Anta dos Penedos de S. Miguel, enquanto no grupo do Crato/Nisa só existiriam placas de grés e no Grupo de Reguengos de Monsaraz só se registarem peças em xisto, podendo denunciar atitudes de gestão dos recursos existentes (Gonçalves, 1999, p. 114).

Em relação às questões da significação o problema para o autor centra-se em dois pressupostos: o primeiro que retoma as ideias de Frankowski, defendendo que o objeto fosse a visão estrita do inumado; a segunda com a qual o autor se revê, em que as mesmas seriam uma representação de uma única divindade, ou várias, podendo ser feminina ou masculina. No caso de se tratar de representações do elemento feminino, estariam correlacionadas com a Deusa Mãe, divindade com a tarefa de proteção nas duas fases do ser humano: a vida e a morte. Para a escolha desta última figuração o

investigador apoiava-se em pilares bastante sólidos: por um lado ressaltavam à observação, mesmo a menos cuidada de que na panóplia geral dos conjuntos, os símbolos femininos estavam diretamente explícitos ou sugeridos; por outro lado essa mesma significação corresponderia sem a menor dúvida a padrões bastante uniformes; por último como prova material, apontava-se a placa do Bugio, como sinal de similitudes na questão da Deusa Mãe e como símbolo considerado Mediterrânico (Gonçalves, 1999, p. 114).

Mais tarde outro problema era observado. Parecia ter havido uma adoção de outro elemento, no Calcolítico. Um elemento novo, “os Olhos de Sol”. Era defendido o conceito que um jovem deus teria penetrado em morfologias anteriores (Gonçalves, 1970). Este novo elemento, pelos exemplos dados, era também observável nas cerâmicas de diferentes formas como taças carenadas, pratos, em contextos Calcolíticos, como Santa Justa, Monte da Tumba, Cabeço do Cubo, Vila Nova de S. Pedro (Gonçalves, 1970).

Aponta-se uma variação de algumas placas, que o investigador apelida de «placas loucas», ou seja, placas em que há uma distanciação do padrão, havendo situações que criam alguma perplexidade, podendo ser classificadas como um grupo geometricamente misto, onde se dá lugar à profusão de traços aparentemente incertos e desviantes. Não se inviabiliza que pudessem ser reutilizações ou como resultantes do pouco cuidado na sua fabricação. Cria também termos novos como placas «CTT» , «placas com simetria por eixo vertical e as de simetria radiante» e «híbridas», estas últimas com temas decorativos fundidos.

Como se não bastasse a intensa produção de artigos e monografias sobre o tema (Gonçalves, 1970, 1978, 1983-4, 1989, 1991, 1992, 1995, 1999, 2000, 2003a e b, 2004a a c, 2009 e 2011), com o projeto *Placa Nostra*, Victor Gonçalves está a constituir um *corpus* das placas existentes. A monografia sobre o sítio do Monte da Barca, (Coruche), ou sobre a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, optam por uma forte análise descritiva como base de partida de uma interpretação que se quer fundamentada. Discordando claramente de uma investigadora americana, critica o seu modelo de interpretação ligado à identitária de etnias e/ou representações heráldicas, por considerar o fenómeno, como parte singular da Península Ibérica.

Primitiva Bueno Ramirez, é sobre este tema, crítica da interpretação dos elementos gravados. É defensora que as placas são uma realidade que não deve ser separada da totalidade do espólio recolhido, seja em ambiente funerário, seja em contexto vivencial (Volume 2, imagens de apoio: Figura 2). Opõe-se veementemente à teoria da representação da Deusa, “deusas da noite”, nomeadamente nas placas com olhos radiados, apelidando a mesma, de poética. Propõe antes, que os olhos estivessem relacionados com os “olhos solares”, presente noutros suportes, como nos menires, nos ídolos de calcário, báculos ou nos esteios das antas. Na mesma linha, o termo “deusa” apontaria para uma indicação do género sexual, algo que rejeita por falta de sustentação (Bueno Ramirez, 2010). Faz uma seriação das placas, em duas grandes categorias:

- A: Antropomórficas relacionadas com a arte presente em suportes estruturais, como sejam os menires;
- B: Com motivos geométricos e de forma trapezoidal e retangular.

A investigadora, enfatiza a junção simbólica entre as imagens antropomórficas presentes em algumas placas e a arma, em sentido genérico, e observa a mobilidade dos temas, dos suportes móveis para os parietais. Perceciona uma forte conexão destas peças com o culto dos antepassados. Também as formas geométricas atravessam a temporalidade da época, para as outras subsequentes (Bronze, Idade Média?), (Bueno Ramirez, 2010).

Discordante, da teoria clássica, Katina Lillios, investiga durante algum tempo em Portugal, as coleções desenhadas pelo casal Leisner (com diversas imprecisões) e observa as peças nos museus (nomeadamente o MNA e o Museu Geológico), ao que apurámos 1100 peças, de 210 sítios, constantes na base de dados ESPRIT, disponível na internet. Tenta demonstrar, nas suas palavras, fruto do pouco esforço e até de alguma arrogância de alguns investigadores, que não se estabeleceram outras interpretações. Crítica os investigadores ibéricos, pela fabricação de um dogma, em torno da idolatrada “deusa mãe”. Pode-se dizer, que é precursora da incipiente ideia da heráldica, já por Isabel Lisboa ensaiada, como ideia-chave na explicação da uniformidade formal e da concentração das placas de xisto decoradas, no Sudoeste Peninsular. Os padrões que observa na gravação das peças, permite-lhe estabelecer um modelo, de identificação das linhagens dos clãs, nomeadamente a elite, no âmbito

Peninsular. Através da decomposição da temática decorativa, observa uma mistura de padrões gráficos, demonstrativa da mistura de pessoas entre comunidades (Lillios, 2008). Outra ideia básica, na sua tese, é de que cada placa seria uma entidade única, defendendo também que cada número de faixas remeteria para o fator  $n$  do defunto. Se uma placa tivesse 4 faixas, considerando uma geração com um tempo médio de 25 anos, obter-se-iam 100 anos, desde o seu antepassado mais antigo. A posse desta identificação conferiria a legitimação de direitos hereditários sobre aldeias, parcelas de terrenos, recursos naturais e o mais perene, já a posse de animais domesticados, importante recurso nas sociedades agro-pastoris (Lillios, 2008).

Um contributo de valor inestimável, tendo em conta a raríssima frequência destas peças em ambientes habitacionais, sugere a hipótese de que uma grande fatia de placas seria proveniente de um centro produtor. Manuel Calado em 2004, com a escavação de um povoado de fossos sinuosos (Águas Frias, Alandroal), demonstra cabalmente, a existência de uma cadeia operatória na extração e fabricação das placas de xisto. É um sítio datado do Neolítico Final, que é mantido até ao Calcolítico Inicial. O povoado com fossos sinuosos, concêntricos, fossas/silos, buracos de poste e restos de muros, enquadra-se na mesma realidade onde existem outros paralelos, em termos de arquitetura de fossos, como hoje se conhecem, não necessariamente com a mesma funcionalidade, os Perdigões, Xancra ou Porto Torrão (Valera, 2008 e 2011; Valera, A.C e Filipe, I., 2004). O sítio incluía uma centena de placas de xisto com fases diferenciadas de execução (Calado, 2010). O Povoado estaria na mira geográfica de todos os achados até ao momento recolhidos. São referenciados «blocos de xisto em bruto, placas formatadas, placas com os topos polidos, placas com as faces polidas e até fragmentos de placas decoradas; existem, ainda, fragmentos não trabalhados com esboços frustrados, correspondendo certamente ao processo de treino dos gravadores» (Calado, 2010).



Figura 3 - Bancadas de xisto no espaço da Casa da Moinhola (retirada do artigo de Jonathan T. Thomas, 2009, fotografia de Rafael Henriques).

Notava-se porém exemplares não perfurados, como indício que seria a última fase do processo. Segundo Calado, numa série de povoados escavados nas imediações do Guadiana, no âmbito da minimização de impactes, este era o único que deveria estar relacionado com os santuários de ar livre, o conjunto da Casa da Moinhola e o conjunto da Retorta, ambos constituídos em bancadas de xisto. Poderíamos estar a falar de um único centro produtor, na inexistência de outros que comprovem no futuro ou eliminem esta teoria.

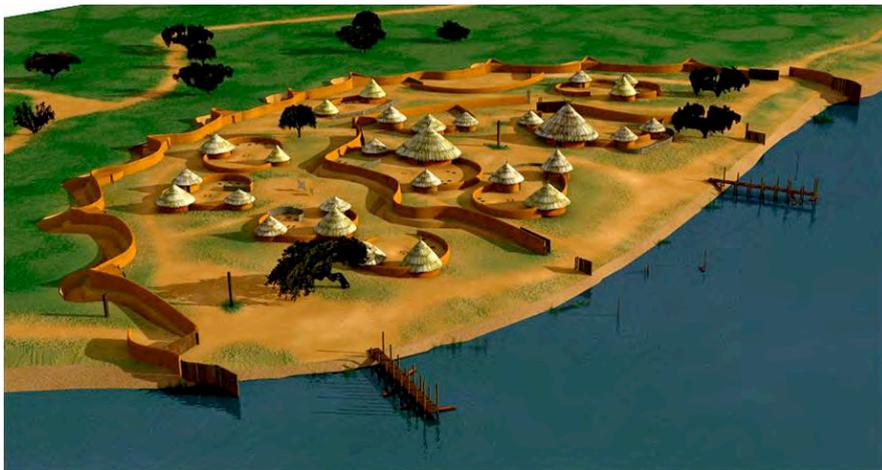


Figura 4 - Reconstituição do Povoado das Águas Frias elaborado por Pedro Alvim (segundo Calado e Rocha, 2007).

### **3.2. O Ocidente Peninsular como Alfa ou como Ómega na génese? Discussão das hipóteses recentes em torno das morfologias, datações e significações**

Fornecer uma visão aprofundada das componentes que compõem a placa em si, dos vários parâmetros como a sua morfologia diversificada, a sua origem, o significado, que pode ser fundamentado em alguns casos, além das questões de datação, é uma tarefa sedutora e a caminho fácil na especulação dialética.

O fenómeno Megalítico é abrangente, já descrito em diversos pontos da Europa (por exemplo, Portugal, Espanha, Inglaterra, Irlanda, Malta), no norte de África (Tunísia), Médio Oriente (Índia e Madagáscar) e Extremo Oriente (China e Japão).

Resulta cada vez mais claro que as representações efetuadas no Paleolítico Superior, tanto em cavidades, como em espaços ao ar livre, são, numa fase subsequente, de sedentarização do homem, substituídas com outros temas, com soluções gráficas extremamente estilizadas, à medida que os padrões económicos sofrem uma mutação. Os suportes também se modificam para outros como a cerâmica, apresentando uma unidade em toda a superfície e nas placas de xisto, o nosso objeto de discussão.

Uma análise estatística das placas do Alto Alentejo (Castelo de Vide), concluiu que 80.76% tinham dois campos, divididos por uma linha, simples ou compósita, podendo ser dupla, ou ainda constituída por duas linhas, onde entre elas nos surgem triângulos (Rodrigues, 1986, p. 30). A faixa que a divide podia encontrar-se a alturas diversas  $\frac{1}{4}$ ;  $\frac{1}{3}$ ;  $\frac{1}{2}$ .

Daí que, para o caso concreto das placas se pretenda, nas comunidades neolíticas, fazer uma nova distribuição dos espaços, encontrando-se três campos de representação.

A placa de xisto pode-se definir em termos morfológicos como um artefacto constituído por xisto verde-azulado (Gonçalves, 1992), embora o casal Leisner também tenham observado exemplares em azul-acinzentado, com alturas de menos de 100 mm e mais de 200 mm; com parca espessura, 50 mm; com formas Trapezoidais, Subretangulares ou Ovalares. A grande percentagem tem decorações geométricas,

como triângulos, albergando linhas que se cruzam, faixas em ziguezague, faixas horizontais quebradas, xadrez e outras mais raras, no campo inferior, como os espinhos. No campo superior, que preenche quase sempre um terço da área total decorada, a pertença cabeça que alguns autores vêm, é ocupada por um triângulo invertido, ou isósceles no centro, de vértice orientado para o plano inferior, podendo também albergar uma figuração com aspeto antropomórfico, onde podem surgir elementos anatómicos da face, como os olhos, as sobrancelhas, nariz e num plano imediatamente abaixo, os ombros (Santos, 1984, p. 93). Peças existem que têm efetivamente toda a sua superfície indistintamente decorada, não apresentando qualquer divisão de campos.

Quase sempre apresentam uma ou duas perfurações no topo superior, e menos frequentemente, não surgem com nenhuma. Quando não existem motivos gravados que permitam distinguir os olhos, essas duas perfurações a existirem, simulam visualmente a componente ocular.

Sobre as questões de datação o problema ainda está longe de estar considerado resolvido. Até há bem pouco tempo só conhecíamos a antiguidade das placas pelo aparecimento de uma na Lapa do Fumo (Sesimbra), trapezoidal com o campo decorado tripartido, com a data de  $3090 \pm 180$  B.P. (Serrão, 1978, p. 34-35). Com a descoberta de uma placa geométrica em cima de um peito de um inumado, jovem, com deficiências físicas (Gonçalves, 2010, p. 31), talvez um “protegido” dentro da comunidade, na Cova das Lapas (Alcobaça), com um intervalo de data situado entre os 3497-3041 Cal BC a  $2\sigma$ , poderá ser admitida uma antiguidade situada na segunda metade do IV milénio (Gonçalves, 1999, p. 116). A continuidade é bastante ampla podendo chegar até ao Calcolítico onde convivem com os pratos, as taças carenadas de vários povoados, como já se viu atrás, com uma simbologia nova – “Os olhos em forma de Sol”. O autor salienta o facto do modelo mais estilizado, com a gramática decorativa em triângulos, aparecer num contexto datado mais antigo (1ª fase), e numa fase mais evoluída tenham alcançado uma forma mais antropomórfica com a presença de elementos marcadamente humanos (2ª fase). Aliás esta é uma indicação que nos remete para um mundo que cronologicamente nos estabelece esta nova representatividade, a idade do Bronze (Bueno Ramirez, 2010).

Uma das observações interessantes que vários autores fizeram, inclusive o casal Leisner, é que estas placas trapezoidais e também as retangulares teriam afinidades estilísticas com as paletas encontradas no Egito Pré e Proto-Dinástico. Mas ainda o mais curioso é o facto da matéria-prima utilizada em ambos os casos, ser o xisto. Mas também aqui é perfeitamente possível, que havendo disponível a mesma matéria-prima, se utilizasse, em ambos os Continentes. E porquê? Em grande parte devido à durabilidade na variável gravação. Mas se o material é o mesmo, a morfologia e a temática são diferentes. As do Oriente reportam-se às cenas do quotidiano, dia após dia e a cenas importantes da realeza faraónica, por volta dos 3100 a.C. (Montet, 1963, p. 146, 249).

Outro facto importante é o facto de ter sido encontrada no norte de África, a apelidada placa de Ténéré (Sara), também de forma trapezoidal, com evidentes linhas de semelhança com as egípcias, podendo haver uma importação através da atual Nigéria (Albuquerque e Castro, 1962, p. 14). Mas esta hipótese carece de uma fundamentação mais objetiva. Defendia-se com estes dois modelos apresentados, que era possível haver uma procedência no transporte ideológico do Oriente para o palco Peninsular (modelo ómega). Se, pelas cenas iconográficas a semelhança observada por estes autores não é razoável, pela via das datações absolutas por  $^{14}\text{C}$  também não é de modo nenhum aceitável. Para outros autores, (M. Rodrigues, 1986, p. 18 e o casal Leisner, 1949 e 1952), as possíveis origens orientais da placa antropomórfica seriam mais fáceis de explicar. E o modelo estava encontrado. Era o ídolo Almeriense relacionado com a placa. Tentava-se ir buscar a outras culturas, que não têm que se comportar necessariamente como a nossa, analogias. Da Anatólia, tentava-se ver o parentesco das placas Peninsulares. E o modelo parecia ter uma aparente lógica. Do ponto de origem ter-se-ia passado para a área Caucasiana, levando modelos para as terras helénicas, onde só um objeto fazia de prova frágil – o ídolo de Mykene. Para complementar davam-se outros exemplos como uma placa que se encontra no Louvre, cerâmica, antropomórfica com cabeça bem saliente, com a datação de 3000-2500 a.C. (citação de L. de Albuquerque e Castro). Mas o problema persistia: algumas pseudo-congéneres peninsulares tinham datações anteriores. Porque não seriam elas a influenciar o(s) outro(s) mundo(s)?

Também para a evolução, as questões persistiam: seria a placa antropomórfica mais antiga que a trapezoidal, como, aliás, defendiam os Leisner ? (Leisner, 1951, p. 122). Tudo aponta para o contrário. Como já se disse anteriormente a placa trapezoidal da Lapa do Fumo, é mais antiga que muitas antropomórficas. Acresce a isto o facto da Anta dos Penedos de S. Miguel conter peças com as duas morfologias (Gonçalves, 1999, p. 114). Contudo não sabemos o tempo de utilização do monumento para podermos aferir se este transpõe a nível cronológico a vários momentos. Poderíamos assim ter objetos peninsulares, traduzidos pela placa trapezoidal/retangular e outros de carácter antropomórfico de proveniência externa. Novamente a questão surge quando não temos datações abundantes para os dois modelos. Também efetivamente poderíamos de algum modo defender uma evolução de carácter regional, de um modelo para outro. Não podemos ignorar o que se terá processado em épocas posteriores.

Alguns dos menires do Neolítico Médio-Final, terão evoluído para estelas-menires, já durante o Calcolítico, ainda que nos mesmos suportes (Jorge, 1999, p. 89). A própria figura humana surge mais consolidada também no Bronze Final (Jorge, 1999, p. 78-86). No período antigo (2500 a.C.), apenas temos traços anatómicos da face, progressivamente vão aparecendo objetos como o báculo e as espáduas, a indicação da identidade sexual (Landau, 1977). O que se pretende ilustrar de alguma forma é a evolução que se efetua ao longo de trechos temporais suficientemente amplos.

Dois modelos antagónicos, marcam atualmente a discussão em torno das possíveis significações. Victor Gonçalves tem uma posição há muito coerente, de carácter indígena como alfa, estendendo-se do Alto Alentejo ao Alentejo Central e Sul: significariam uma divindade protetora com duplo sentido: da vida e da morte no início do seu aparecimento. No Calcolítico, a deusa aparece associada a um descendente divino (Gonçalves, 2010) e reforça a ideia da contextualização da presença destas para se alcançar uma correta abordagem.

Para Katina Lillios, a ideia de se tratar de uma representação de uma deusa é liminarmente rejeitada. Avança com uma nova proposta, baseada em metodologias quantitativas, para todo o Sudoeste Peninsular, que de certa forma revoluciona as conceções de quase todos os investigadores, apesar de aproveitar linhas genéticas do pensamento de outra fonte (Lisboa, 1985). Propõe que seriam uma espécie de registos

de memória, fenómeno singular na Europa megalítica (mostrando-se defensora também do modelo indígena, alfa). Seriam como que uma “cartão do cidadão” do clã ao qual pertencia o defunto, transmitindo a linhagem e a descendência, tendo uma função heráldica, que evidenciaria a diferenciação do estatuto social. Num monumento megalítico nem todos os inumados possuíam um objeto destes, defendendo uma posição de diferenciação social dos indivíduos mesmo dentro de uma determinada comunidade. Por outro lado, propunha que os motivos geométricos teriam sido inspirados nos motivos têxteis, materiais mais perecíveis, mas ainda assim identificados em fibras de linho, em dois enterramentos do Neolítico, encontrados na década 50 do séc. XX (informação não inteiramente confirmada. Terão sido descritas por Abel Viana, Formosinho e Veiga Ferreira, em 1948 e confirmadas por A. Monge Soares em 2002 a K. Lillios, 2008), mas também em sítios do Neolítico Final na Suíça e na Alemanha (Barber, 1991, p. 293).

### **3.3. A dualidade no conhecimento do mundo dos vivos e dos mortos. Uma conciliação possível?**

Os investigadores em Pré-História recente, foram verificando através dos sítios arqueológicos que iam escavando, e onde se encontravam estes artefactos simbólico-religiosos, que estes eram oriundos maioritariamente de contextos funerários, em diferentes soluções conceptivas estruturais, quer fossem antas, *tholoi* ou grutas. Mas sendo a natureza da sua colocação tão intrinsecamente ligada aos ritos de enterramento, era por esse motivo aceitável ser recolhida nesses contextos. Num quadro de uma ampla cronologia, que durou *grosso modo* 1000 anos, e num mundo em transformação, com as mudanças operadas no Neolítico com uma notável estabilização de grupos humanos em determinados assentamentos, com a consequente produção de alimentos e domesticação de certas espécies animais e vegetais e, mais tarde com o início da metalurgia do cobre (Calcolítico), já com sinais evidentes de uma diferenciação valorativa das Comunidades, que é expressa pelas soluções de defesa encontradas em diversas enquadramentos geográficos do Ocidente Peninsular, como

sucedem em Los Millares, ou em povoados que têm vindo a ser escavados que demonstram fossos ou linhas de defesa sofisticados (Santa Vitória, Vila Nova de São Pedro, Espargueira, entre outros), assiste-se a uma dinâmica notável na ocupação de espaços e corredores de exploração de matérias-primas. Em povoados, com possibilidades e objetivos diferenciados, permanecem muitas questões. Existiriam oficinas duradouras ou temporárias? Disseminadas ou em polo? Porque se encontram tão poucas placas nos povoados? Seriam “encomendadas” só para serem depositadas junto dos mortos, momentos depois do *post mortem*? Nos povoados com o caráter funcional diverso, consoante a localização, têm sido recolhidos poucos exemplares (Sala nº 1 na Vidigueira, Pedrogão de Setúbal, Cabeço do Pé da Erra em Coruche, Vila Nova de São Pedro no Zambujal, Perdigões em Reguengos de Monsaraz, Águas Frias no Alandroal).

Outro dos contextos em que há um desconhecimento absoluto é sobre os indivíduos que fariam períodos de deslocação entre o povoado e os locais de pastoreio ou para troca direta entre comunidades de matérias primas ou até de objetos já acabados. Contrariamente ao que se passa noutros pontos do nosso planeta, com temperaturas extremas, frio ou calor seco, que proporcionou por exemplo, a descoberta fortuita do homem neolítico de *Haslabjoch*, nos Alpes Ötztal (Spindler, 1995) e o pacote dos objetos que o acompanhava, na geografia onde se recolhem as placas, no Ocidente Peninsular, as condições de solo e temperatura, não permitem a conservação de indivíduos ou grupos que tenham sido atingidos por uma cilada de outro grupo, por doença súbita ou por acidente numa qualquer rota que seria frequentada. No entanto permitem dos próprios artefactos. Seriam portadores de que artefactos? Poderiam as placas também serem usadas para ritos que não exclusivamente ligados ao ato fúnebre, embora de uso muito limitado? Por enquanto não temos respostas definitivas, embora num estudo experimental levado a cabo por Woods e Lillios, tivesse havido a demonstração que não haveria sinais de uso quotidiano (Woods e Lillios, 2006). A própria associação sexual com o esqueleto de um falecido também não é matéria totalmente assimilada. Refira-se ao exemplo de Monte das Canelas (Faro), onde uma placa foi encontrada com um esqueleto feminino.

Um dos povoados que poderá ajudar a contribuir para o esclarecimento de várias temáticas entre a relação com o mundo dos vivos (povoados) e o mundo

funerário é o de Águas Frias, para já o único a evidenciar uma função ligada à produção em escala, com toda a cadeia operatória, presumida pela recolha de blocos de xisto em bruto, placas formatadas, placas com o topo polido, placas com as faces polidas e fragmentos decorados (Calado, 2008), excetuando a realização dos furos de suspensão, facto reforçado pela escavação deste sítio.

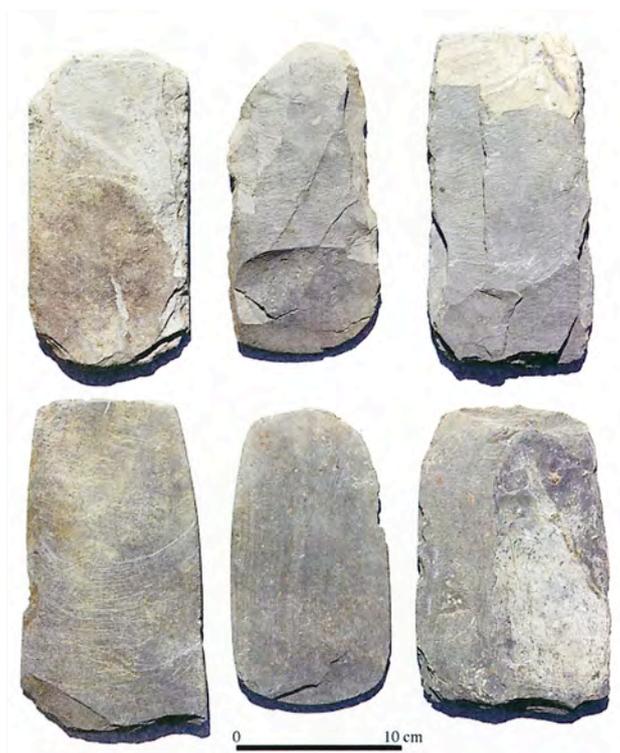


Figura 5 - Diversas fases do fabrico de placas de xisto em Águas Frias (Fotografia de Manuel Calado).

Cerca de 100 exemplares foram recolhidos, uma amostra bastante significativa, levando em linha de conta a estimativa do número de placas total, cerca de 4000, número avançado por Katina Lillios, numa extensão territorial que agrega o atual espaço do Alto Alentejo, Península de Setúbal e Lisboa e Andaluzia e num intervalo cronológico entre os 3500-2500 a.C.

Neste povoado foram detetadas estruturas do tipo fossos e silos, áreas de cabanas, buracos de poste e restos de muros e 3 fossos concêntricos que se apresentavam em semicírculos (Calado, 2008), que poderão indiciar um povoado com preocupações defensivas ou da intencionalidade de fazer a delimitação concreta do povoado, que se encontra localizado próximo de uma linha de água, tendo em conta a aparente especialização da sua “produção”.

#### **4. Enquadramento crono-espacial da coleção estudada: Localização do monumento megalítico, caracterização geológica e caracterização do monumento e espólio**

O monumento megalítico onde o espólio em estudo foi recolhido, foi escavado na primeira metade do século passado (Abril de 1935) por Manuel Heleno. Sob o ponto de vista administrativo, a anta situa-se no Distrito de Évora, concelho de Montemor-o-Novo e freguesia de Ciborro. A sua georreferenciação é 38° 45'07,98" N, 008° 17' 21,81" O (*Datum 73*), carta militar 437, na escala 1:25 000. Situa-se a cerca de 1,7 km, em linha reta do Monte do Barrocal das Freiras (Volume 2, Ponto 3: Cartografia).

Integrada na área de Montemor-o-Novo, nas denominadas Zonas de Ossa-Morena e Sul-Portuguesa, uma das grandes unidades paleogeográficas e geotectónicas em que se divide o Maciço Hespérico. Os pontos mais altos são: Reguenguinhos (354 m), Guadalim (330 m), Safira (299 m), Santo André (304 m), Monte de Negraxa (368 m), Castelo de Montemor (290 m), (Volume 2, Ponto 3: Cartografia).

A região encontra-se recortada por densa rede de linhas de água tributárias das bacias do Tejo e Sado, destacando-se o rio Almansor, ribeira do Lavre e ribeira de Marateca.

Apresenta terrenos pertencentes à bacia terciária do Tejo e Sado que ocupam o terço ocidental da carta; formações metassedimentares e rochas intrusivas do soco hercínico que preenchem os restantes dois terços da folha abrangida. Do conjunto de rochas intrusivas salientam-se dois importantes afloramentos de rochas graníticas a Norte e noroeste de Montemor, que se prolongam para fora dos limites da carta. (Carvalhosa, A. e Zbyszewski, G., 1994).

Uma das zonas eventuais de captação da matéria-prima de xisto, poderá ser a formação de Santa Iria, (SI), Devónico Superior. Caracteriza-se por ser uma zona de sucessão de tipo «flysh» essencialmente constituída pela alternância de grauvaques e xistos («saltes»), que bordeja, a Sul, o maciço de Beja, conhecida por Formação de Santa Iria (Pfefferkorn, 1968) ou «Grauvaques de Ficalho» (Schermerhorn, 1971), está representada na área desta folha, com uma largura média de 2 Km e orientação geral de N 5° W a N 20°W. Nesta unidade os grauvaques formam bancadas de espessura

variável, podendo atingir alguns metros; não é raro apresentarem estratificação gradada e outras estruturas sedimentares, o que sugere tratar-se de sequência turbidítica. Nestas rochas é frequente encontrarem-se restos de vegetais e, por vezes, de crinoides, embora não tenham sido assinalados nesta área abrangida pela folha.

Neste «flysch» as rochas pelíticas estão representadas por xistos finos, lustrosos e avermelhados, de tipo «slate»; nos níveis inferiores, predominam xistos pouco luzentes (filitos), evidenciando xistosidade pouco intensa.

Concretamente a Anta 3 do Barrocal das Freiras, insere-se numa zona de granodioritos e granitos indiferenciados que ocupam uma grande mancha, onde se inserem sucessivamente, de Oeste para Este, Pedrógão, Monte do Barrocal das Freiras, Chaminé, e Monte de Serra-Portas, prolongando-se ainda para Sudeste. Estas rochas predominantemente granodioríticas, com tendência granítica para Leste, representam fácies de variação da mancha anteriormente referida (trondhjemito-granodiorítica), à qual passam gradualmente, apresentando quanto ao resto as mesmas características. Pertencem conjuntamente ao mesmo maciço atrás citado, que denota uma certa zonalidade com predomínio de granitos na sua extremidade oriental (Carvalhosa, A. E Zbyszewski, G., 1994).

A estrutura megalítica, foi descrita por Manuel Heleno, como tendo oito esteios e mais um de reforço, sem chapéu. Tinha um corredor comprido, com orientação a Nascente, com duas partes: um átrio curto e uma antecâmara. Atualmente só é possível observar seis esteios no lado Sul e cinco do lado Norte (Rocha, 2005). Contudo existe a dificuldade de fazer coincidir a planta que Manuel Heleno desenhou e a sua descrição, que Leonor Rocha propôs que se trataria eventualmente do monumento 4 ou 5, com o mesmo topónimo (Rocha, 2005, anexo 1, p. 372).

Entre o espólio recolhido neste monumento, destaque-se as recolhas de 2 lâminas partidas, trapezoidais, de «retoque largo», em que Manuel Heleno remete uma para um paralelismo com as de Carenque, seis vasos com «colo cónico, semiesférico, cilíndrico, colo bicónico» e um com protuberâncias colocadas duas a duas, 18 pontas de setas quase todas recolhidas na câmara à exceção de uma («base reta, convexa, côncava, em espigão, losango, 2 sílices»), pedra polida 28 e 2 no corredor «1 de corpo retangular, 12 sub-retangulares ou quadrangulares mal polidos, 11 sub-retangulares em

forma de arco, 1 pedra redonda e 3 fragmentos espalmados», pedra lascada «6 geométricos, 13 lâminas/lamelas na câmara e uma no corredor», «19 contas na câmara e 1 no corredor», as 65 placas de xisto e um “osso longo” no corredor (*Manuel Heleno, cad. 26: Rocha, 2005*).

Embora tenhamos acesso a este inventário, não temos uma noção clara das dimensões dos artefactos encontrados. Acresce a isto, o facto de apesar de se ter encontrado um osso que podia permitir uma datação de radiocarbono, mas na primeira metade do século XX, não existia ainda a tecnologia. E atualmente também não existem datações absolutas. Mas datar agora esse resto osteológico, também poderia não ser viável pelo eventual grau de contaminação. Uma outra dificuldade, é não se saber em que camada estratigráfica se recolheu efetivamente o osso. Apenas se sabe que proveio do corredor. Apesar destas observações é possível uma abordagem de datação relativa, com o diversificado espólio, embora em quantidade bastante mais modesta que outras antas das regiões de Reguengos de Monsaraz e Évora, como a anta 1 do Olival da Pega, com uma contagem de vasos de 355 vasos. Facto relevante é existirem bastantes placas de xisto em relação ao restante espólio. Cremos tratar-se de um monumento da segunda metade do 4º milénio, princípios do 3º milénio (2ª fase do Megalitismo), pois contempla pedra lascada, pedra polida, placas de xisto e contas. Infelizmente não sabemos se a pedra lascada (setas e geométricos) é em sílex o que poderia atestar contactos com a Península de Lisboa e Setúbal, regiões onde a matéria-prima é de incontestável qualidade.

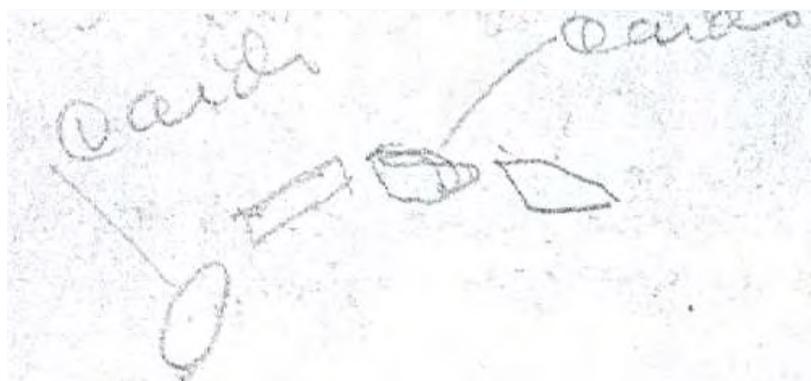


Figura 6 - Desenho de Manuel Heleno da Anta 3 do Barrocal das Freiras.

## 5. A classificação das placas de xisto da Anta 3 do Barrocal das Freiras

*«To acquire knowledge, one must study;  
But to acquire wisdom, one must observe.»*

Marilyn vos Savant

### 5.1. Os elementos nas fontes primárias: o registo de Manuel Heleno

Manuel Heleno, diretor do Museu Nacional de Arqueologia, entre 1930 e 1964, começa por anotar que «... *esta anta deu chapões antropomorfos, como a do Rabaçal que também tinha corredor de átrio circular (...) Construída de grande robustez, solidez. Esteios sem aparelho, ou com pouco. Anta com átrio circular, do tipo dos que dão chapões antropomorfos*» - (cad. 27, p. 176: Rocha, 2005). Refere-se ao monumento como «carregado» de espólio, mais ainda que a Anta 1 do Barrocal. Pormenoriza, o que foi «achado» na câmara e no corredor. Em relação às placas de xisto gravadas, quase todas foram recolhidas no interior da câmara. Ao longo da lista foram colocadas expressões próprias da época e uma forma peculiar de descrever as peças de xisto.

As placas de xisto são referenciadas como «chapão», termo também utilizado por Leite de Vasconcelos, e, «chapãozinho» para designar as peças de grande e média dimensão e pequena dimensão, respetivamente. Somente um «chapãozinho» é encontrado no corredor com uma perfuração (que deverá corresponder à agora marcada pelo MNA como Anta EI). Transcrevendo uma descrição como exemplo, Manuel Heleno é sucinto apresentando uma linguagem que hoje, abusivamente, consideraríamos de oralizada, tentando ser objetivo na perspetiva de enumerar os elementos temáticos maioritários numa peça. Honestamente, aponta quais os exemplares partidos com um instrumento de trabalho, a picareta (seguramente a EI 985.55.41 e 49 são exemplos dessa utilização). Esta é uma forma muito concreta de explicar como eram escavados os monumentos megalíticos naquela época e como

sucediam os acidentes de quebras das peças, muito concretamente nas câmaras. Tal meio, deveria também ser vulgar na violação de câmaras, corredores e mamoadas, por parte de quem salteava/ saqueava este património. Não é de excluir, que outras tenham sido naturalmente afetadas devido ao seu grau de fragmentação.

Manuel Heleno faz já uma individualização e categorização das peças na sua enumeração, nos famosos cadernos. Da sua leitura, reconhece-se aspetos como a parte superior, que classifica como cabeça, e, o corpo. Seleciona o elemento dominante da temática, a «ornamentação» principal de toda a peça. A esse nível reconhece triângulos, quadrados, «ângulos» hoje interpretados como ziguezagues, losangos e espinhas. Também se preocupa em falar nos ângulos acentuados. Já a utilização das expressões «espelho curioso», ou «buraco no espelho» servem para exprimir a perplexidade da singularidade de alguns exemplares que não se inserem na habitual execução. Estranhamente, porém, a informação do campo superior ou “cabeça” como apelida, para os classificar como «chapões antropomorfos», é mais escasso na sua enumeração. Nunca o triângulo invertido, na «cabeça», que uma grande parte das placas ostenta, é mencionado. Talvez por ser uma característica ligada à sua interpretação, ou seja ao carácter antropomorfo das mesmas, considerando um «nariz». Para Manuel Heleno as placas poderiam constituir a representação do morto ou dos seus antepassados (Lisboa, 1985, p. 186).

<b>Anta 3 do Barrocal das Freiras</b>
Chapão partido, completo, um só buraco, ornamentação em linhas quebradas
Chapão partido, completo, um só buraco, com indicação de sobancelhas, corpo desenho angular.
Chapão partido, completo, ornamentação em ângulos do corpo, faixas horizontais na cabeça. Um buraco.
Chapão com um buraco, ornamentação em linhas curvas, na cabeça em linhas quebradas no corpo, partido, completo.
Chapão partido, completo, ornamentação angular em faixas de triângulos grandes e uma de pequenos.
Chapão com canto partido, completo, ornamentação em ângulos.

<b>Anta 3 do Barrocal das Freiras</b>
Chapão partido, ornamentação em linhas quebradas, parte do desenho destruído. Um buraco.
1 chapão lindamente gravado em ângulos pequenos e grandes na parte superior da cabeça uma faixa de triângulos pequenos.
1 chapão com um buraco ornamentação em ângulos e linhas quebradas.
1 chapão ornamentado no corpo por linhas quebradas, separadas da cabeça por linha assim [>>>>>>].
1 chapão quais inteiro, bem gravado em ângulos, cantos superiores arredondados. Perfeito.
1 outro completo ornamenado dos dois lados. Dum ângulos pequenos separado por faixas. Doutro zonas grandes (...) e ângulos. Bom em duas partes.
1 chapão com ombros, mal gravado.
1 chapão com ornamentação em linhas quebradas grandes, mal gravado.
1 chapão feito de um cabo de báculo.
1 chapão com um buraco em linhas quebradas e separadas do espelho por duas faixas de triângulosinhos.
1 chapão com dois buracos, ornamentação em ângulos.
1 chapão com linhas verticais ou faixas no corpo.
Outro ornado em espinha sem buraco.
Outra ornamentação angular.
Outro partido em dois com dois buracos.
1 chapão bem gravado, ângulos pequenos a reforçar o corpo da cabeça.
1 chapão com um buraco, ornamentação em ângulos.
1 chapão sem buraco ornamentação em triângulos voltados ora para cima ora para baixo.
1 com dois buracos ornamentação(...)
1 chapão em linhas quebradas, largo, no espelho linhas paralelas e triângulos.
1 chapão cantos redondos, sem desenho, (só uns riscos).
1 chapão bem bem gravado, partido do canto direito, ângulos unidos nos vértices opostos.

<b>Anta 3 do Barrocal das Freiras</b>
1 chapão bem gravado, ornamentação em ânguls.
Outro decorado com linhas quebradas.
2 fragmentos de chapão angulos pequenos e grandes.
Uma parte inferior com linhas quebradas.
Chapão com ornamentação em ângulos e linhas quebradas. Partido com ma picaretada.
Chapão com ornamentação em ângulos retos em vários fragmentos.
Chapãozinho ornado de zonas quebradas, com um buraco.
Chapão partido, ornamentação em faixas quebradas (parte inferior do gume).
Chapão em angulos compridos e muito agudos (...)
Chapão com ornamentação angular, partido.
Chapão completo com ornamentação aos quadrados.
Chapão bem gravado ornamentação aos triângulos. Partido em bocados.
Chapão completo em linhas quebradas correndo ao comprido do chapão.
Chapão bem gravado com três buracos, espelho curioso. Completo em duas metades.
Chapão em duas metades tido em triângulo de diversos tamanhos.
Chapão quais completo mas em muitos bocados em triangulos e linhas quebradas.
Uma chapa sem polimento de forma de chapão. Partida.
Chapão em duas metades tido em triângulo com desenho em linhas quebradas.
Chapão em muitos bocados quasi completo com ornados em ângulos.
Chapão em dois bocados, completos, em ângulos. Bom
Bocados de chapão.
Chapao completo em vários bocados, ornamentação em triangulos.
Chapão inteiro, com um buraco, ornamentação em ângulos.
Chapão partido com o picamento quais inteiro, ornamentação em angulos.
Chapão completo mas em vários bocados. Na cabeça linhas quebradas, no corpo losangos.

<b>Anta 3 do Barrocal das Freiras</b>
Chapão inteiro, com um buraco, ornamentação em ângulos.
Chapão partido com o picamento quasi inteiro, ornamentação em angulos.
Chapão completo mas em vários bocados. Na cabeça linhas quebradas, no corpo losangos.
Chapão partidos em vários bocados, ornados de triangulos. Um buraco.
Chapão completo ornado com quadrados e triangulos.
Chapão completo uma das faixas quebradas, espelho em dois triangulos.
Chapão partido, ornado de linhas quebradas.
Cabeça de chapão.
Chapão partido com a cabeça com linhas curvas e grandes e o corpo com triangulos.
Fragmento de chapão.
Chapozinho em linhas quebradas de angulos obtusos partidos.
Metade dum chapão com buraco no espelho e dois no corpo. Haverá o que falta? Ornamentação em ângulos.
Um chapãozinho do corredor com um buraco sem desenho. É único. Todos os outros são da câmara.

Quadro 1 - Descrição das placas de xisto por Manuel Heleno (Rocha, 2005).

## **5.2. Resultados e perspetivas de análise**

### **5.2.1. Cabeça/Campo Superior**

A parte superior de uma placa de xisto gravada, distingue-se claramente do resto do corpo, devido à existência da divisão de traços ou faixas, horizontais, a várias proporcionalidades da peça (1/2, 1/3 e 1/4). Imprime-se uma separação, uma quebra de sentidos, em algumas placas (não nesta coleção), de características claramente antropomórficas, surgem «olhos», braços, «narizes», «sobrancelhas», «ombros» e «tatuagens». Mas mesmo nas placas mais estilizadas, é possível formalmente admitir

esta formulação de concepção embrionária. À exceção de 7 placas (11%), que têm outra composição, as outras 58 (89%) têm um denominador comum. Apresentam triângulos invertidos lisos, que estão localizados sempre no campo central da cabeça. No entanto, nem todas têm um triângulo geometricamente próximo da classificação de isósceles e equilátero. Uma grande percentagem (36%), não têm os vértices unidos. Em apenas 8% das peças é colocado um “colar”, ou seja uma linha exterior que origina um duplo triângulo. Uma das peças que pela sua perfeição de execução demonstra este elemento é a EI 985.55.6 (Volume 2, Ponto 1 e Ponto 2: EI 985.55.6) É uma das peças que evidencia uma simetria morfológica, estética e de distribuição das temáticas gravadas (com um traço muito fino e preciso), ímpar em todo o conjunto, demonstrando um bom domínio conceptual e executivo. De ambos os lados é possível encontrar diversos temas que se vão repetindo no corpo, embora com combinações diferentes. Para este parâmetro, as peças deste monumento, dividem-se em seis grupos:

- Com faixas horizontais alternando entre as lisas e as preenchidas (48%);
- Com faixas oblíquas verticais preenchidas e lisas que se alternam (37%);
- Com M aberto e triângulos (7%);
- Combinação de faixas e triângulos (4%);
- Com ziguezagues prolongando-se ao longo do corpo (2%);
- Com triângulos alternados preenchidos e lisos (2%).

Próximo do topo, é frequente encontrar uma, duas ou nenhuma perfuração. A esmagadora maioria (83%), conta somente com uma perfuração. Duas peças com as duas perfurações são curiosas. A EI 985.55.13 (Volume 2, Ponto 1 e 2: EI 985.55.13) com formas bicónicas, situadas no percurso das linhas do triângulo, interpela o observador. Assemelham-se a dois “olhos”. Outro exemplar, anepígrafo, muito pequeno, (EI 111) um ídolo pendente, impressiona pela sua plataforma polida, na superfície e nas secções, pela sua forma de machado, com um par de olhos, o esquerdo maior em termos dimensionais. Também se percebe, de uma forma subjetiva, a indagação do olhar, perante um sujeito atento.

Caso único nesta coleção, de maior destaque pela raridade que constitui, é a placa EI 985.55.10 (Volume 2, Ponto 1 e 2: EI 985.55.10). Apesar de fragmentada em 6 pontos, consegue-se observar à volta das perfurações incompletas, duas figurações

dos símbolos solares na face. À volta deste símbolo, de ambos os lados, são visíveis faixas em semicírculo, oblíquas. De notar que mais de metade do campo superior é ocupado por esta figuração. No verso da placa sensivelmente na mesma posição, está presente um motivo solar próximo de uma perfuração, bem como um eventual laço preenchido internamente com traços equidistantes uns dos outros. No lado direito, uma provável decoração do canto.



Figuras 7 e 8 - Frente e verso (fotografia invertida) da placa de xisto gravada EI 985.55.10

### 5.2.2. Placas-Ídolos (EI 111 e Anta EI)

As placas denominadas com as referências EI 111 e Anta EI que fazem parte deste conjunto, foram classificadas como ídolos, devido às suas peculiaridades, em três características comuns:

- Em termos formais (morfologia);
- Pelas dimensões reduzidas;

- Pela ausência de gravação.

A EI 111 (Volume 2, Ponto 1 e 2: EI 111), trata-se de uma placa-ídolo, a mais pequena do conjunto analisado, em excelente estado de conservação, de apenas 48 mm de altura por 21 mm de largura máxima, com duas perfurações, desiguais, mas ainda assim parecendo simular dois olhos humanos. A peça impressiona pela sua singularidade, também expressa pela sua fina secção, apenas 3,5 mm. Várias interrogações se poderão colocar. Poderia ter pertencido a um elemento recém-integrado na comunidade agropastoril? Pertença de uma criança? Ou usada em parceria com outras placas gravadas? Poderão ter desempenhado uma funcionalidade ativa (pelo desgaste observado nas perfurações), em que os seus “proprietários” fariam uso quotidiano, e, mais tarde, isoladamente ou em conjunto com outras placas, em ambiente funerário?

Em relação à placa Anta EI (Volume 2, Ponto 1 e 2: Anta EI), também em bom estado de conservação, tem uma morfologia retangular, de dimensões também reduzidas (78 mm de altura por 29 mm de largura máxima), assemelhando-se a um pente com uma perfuração no topo. A matéria-prima utilizada foi o seixo de quartzito.



Figura 9 e 10 - Ídolos em seixo.

### 5.2.3. Placas anepígrafas (EI 985.55.59)

A placa com a designação EI 985.55.59 (Volume 2, Ponto 1: EI 985.55.59), corresponderá a esta classificação. Poderíamos porém, considerá-la como projeto inacabado ou falhado de execução de uma placa, embora nos inclinemos para a segunda hipótese. Não é óbvio que tivesse vindo diretamente de um local de produção como sucede com as outras peças, não devendo fazer parte do conjunto artefactual do monumento. Segundo Manuel Heleno, este exemplar foi recolhido na câmara. Desde a escolha da matéria-prima, aparentemente errática, com irregularidades de superfície, que inviabilizariam qualquer gravação, até a morfologia também não obtida, desenvolveu-se a tentativa de torná-la trapezoidal, com cantos arredondados. O contexto também não ajuda, pois não sabemos a posição estratigráfica da mesma.



Figura 11 - Projeto de placa falhado.

#### **5.2.4. Placas com a temática decorativa de xadrez (Anta 117, EI 985.55.46 e EI 985.55.47)**

A percentagem deste motivo é reduzido nesta coleção, totalizando só 5%. Katina Lillios, para a globalidade dos conjuntos que estudou já tinha aferido que este tema corresponderia ao terceiro tema representado na globalidade das placas existentes. As placas com este motivo, estão designadas como Anta 117 (1) (Volume 2, Ponto 1), EI 985.55.46 (2), EI 985.55.47 (3), *cf.* (Volume 2, Ponto 1 e 2: Anta 117, Ponto 1: EI 985.55.46 e Ponto 1 e 2: EI 985.55.47).

1. Matéria prima em xisto clorítico, de morfologia trapezoidal, com divisão entre campos; campo superior com faixas oblíquas alternadas (preenchidas e lisas), dividido por um triângulo invertido liso com vértice completo e no campo inferior 10 quadrados em sentido vertical e 9 em horizontal. A única perfuração é bicónica;
2. Matéria prima em xisto ardósia, de morfologia retangular, de divisão com recurso a três faixas horizontais (duas lisas e uma central com triângulos alternados entre preenchidos a reticulado). No campo superior faixas oblíquas alternadas separadas por um triângulo invertido liso, com vértice completo. No campo inferior, 5 quadrados verticais e 6 horizontais, também alternados. A perfuração é cónica;
3. Matéria prima em xisto ardósia, de morfologia retangular, com uma paginação organizada, onde a divisão entre campos é larga através de uma faixa lisa. No campo superior faixas alternadas oblíquas, em ambos os lados de um triângulo liso invertido com vértice completo. No campo inferior, quadrados alternados (com reticulado e lisos), 6 verticais e 12 horizontais. A perfuração é bicónica.

Quanto à sua morfologia as três placas enquadram-se nas categorias de retangulares e trapezoidais, com alturas que oscilam entre os 119 e os 149 mm. Como sucede em todas as categorizações elencadas, não há peças idênticas. No campo superior observam-se faixas alternantes oblíquas preenchidas e sem preenchimento, a fazerem a contenção dos triângulos invertidos lisos, de diferentes volumetrias, consoante o arranjo mental que o executor teve de fazer para peças de dimensão diferente. Também na divisão as soluções são diferenciadas, ora com recurso a uma

linha horizontal, ora com faixas. Na EI 985.55.46 utiliza-se a alternância numa das faixas de triângulo. No campo inferior apesar do jogo visual dos binómios, preenchido/não preenchido, as faixas verticais variam entre as seis e as dez. Mas o fundamental é sempre o sistema binário da diferenciação. Conceptualmente são peças clássicas.



Figuras 12 - Pormenor da temática decorativa em xadrez.

### 5.2.5. Placas com a temática decorativa no corpo de triângulos

As placas com o motivo de triângulos (EI 989.24.1, EI 148, EI 165, EI 985.55.2, EI 985.55.3, EI 985.55.4, EI 985.55.6, EI 985.55.7, EI 985.55.8, EI 985.55.9, EI 985.55.10, EI 985.55.11, EI 985.55.13, EI 985.55.14, EI 985.55.15, EI 985.55.16, EI 985.55.17, EI 985.55.18, 985.55.19, EI 985.55.20, EI 985.55.21, EI 985.55.22, EI 985.55.23, EI 985.55.26, EI 985.55.27, EI 985.55.28, EI 985.55.30, EI 985.55.31, EI 985.55.45, EI 985.55.48 e EI 985.55.50), *cf.* (Volume 2, Ponto 1: Registo fotográfico) representam a maioria da coleção com 48%. Independentemente da utilização desta forma geométrica, que nos remete para uma multidimensionalidade de assimilações simbólicas e funcionais do passado, nomeadamente do Paleolítico e Mesolítico, na sua distribuição ao longo do campo inferior, têm um quadro mental do executante em múltiplas combinações e orientações, onde uma vez mais, existe o jogo da alternância, direito → invertido, preenchido a reticulado → liso, num sistema binário, também presente nas cerâmicas decoradas neo-calcolíticas com este mesmo motivo,

tornando cada peça marcadamente personalizada. Geometricamente, as gravações remetem para diversas configurações.

Quanto aos lados existem casos de triângulos equiláteros, isósceles e escalenos, com diferentes ângulos (acutângulo, triângulo retângulo e triângulo obtângulo). Esta diversidade pode não significar uma intencionalidade de representar diferentes versões da geometria moderna. A pluralidade de soluções deverá remeter para o caráter organizativo do artesão, da trama do tema gravado, para as irregularidades do xisto que desviam ligeiramente o traço, para o domínio específico da técnica e da singularidade que se quer imprimir a cada exemplar, se foi opção essa intencionalidade. O número de faixas também varia entre as duas e as seis. No que concerne à gravação, a aptidão do artesão, também parece evidente para o resultado final. Mas nesta equação devemos ter presentes três variáveis, com graus de implicação no trabalho final: as características físicas do objeto gravador, o suporte mais permeável a traços finos ou mais grossos, consoante o material de xisto: ardósia ou clorítico e a técnica da mão humana que as produzia. Assim surgem peças que pela sua simetria, cuidado de gravação e traço fino, podem ser consideradas “*premium*”, como a peça EI 985.55.6 (Volume 2, Ponto 1 e 2: EI 985.55.6) e a EI 985.55.26 (Volume 2, Ponto 1 e 2: EI 985.55.26), onde se evidencia o claro investimento em toda a cadeia operatória, desde a extração da rocha, passando pelo polimento, a conceptualização e gravação, ou em termos opostos a EI 165 (Volume 2, Ponto 1 e 2: EI 165). Esta preocupação poderia significar uma variabilidade de estatutos de que um indivíduo poderia sinalizar dentro de uma comunidade agropastoril. Apesar do domínio da técnica, um exemplar, com um grau de elegibilidade de maior perfeição deveria colocar com maior probabilidade, tempos de execução mais extensos. A peça 985.55.6 demonstra outros parâmetros que carecem ser evidenciados:

- A simetria do suporte;
- A qualidade do tratamento da superfície xistosa (alisamento ímpar em toda a coleção);
- A conceptualização da distribuição dos elementos temáticos;
- A gravação com um traço muito fino ( $\leq 0,3$  mm), nas linhas tipo faixas e colar;
- Linhas exteriores dos triângulos, ou seja linhas delimitadoras. Uso de linhas no reticulado que preenchem estes itens, com um grau de intensidade menos marcado,

que proporciona a leitura clara da fase da gravação dos elementos constantes no suporte, da linha dos contornos > para o preenchimento;

- A proporcionalidade das faixas quer na parte superior, quer na inferior;
- A diferenciação da dimensão dos triângulos nas três primeiras faixas, em sentido ascendente, sob a linha divisória relativa aos campos (1ª faixa de  $\triangle$  com 9 mm, 2ª faixa de  $\triangle$  com 16 mm, a 3ª faixa de  $\triangle$  com 19 mm);
- O elevado cuidado na realização da perfuração bicónica.



Figuras 13 e 14 - Fotografias em pormenor da placa EI 985.55.6.

Outra peça, que se destaca na coleção apreciada é a EI 989.24.1 (Volume 2, Ponto 1 e 2: EI 989, 24.2), desde logo pelo destaque na sua dimensão, com 211 mm de altura, por 107 mm na base e consequentemente com um peso de 597 gr, onde o triângulo se reconhece nas duas partes do suporte e nas duas faixas divisórias. Com um traço mais grosso entre <1 mm a 0,5 mm, com sulcos medianamente pronunciados, percebe-se o mesmo cuidado nos seguintes parâmetros:



Figura 15 - Pormenor do campo superior da placa EI 989.24.1

- A forma trapezoidal com um grau de execução elevada;
- A forma em perfil arredondado do verso;
- A existência de duas faixas de triângulos pequenos, que constituem a faixa separadora e quatro faixas com triângulos reticulados, intercalados por uma faixa de triângulos pequenos, entre a faixa 1 e 2: (tendência para a inclinação para o lado esquerdo nas faixas, dos triângulos grandes e tendência para uma inclinação direita para os pequenos);
- Perfuração cuidada entre o triângulo invertido no topo.

Na peça EI 985.55.4 (Volume 2, Ponto 1 e 2: EI 985.55.4) de forma trapezoidal, mas arredondada, o artesão organiza o trabalho de gravação em função da morfologia da peça, visto que os vértices dos triângulos dos cantos tendem a confluir para o interior do suporte (4 faixas), e por esse motivo, os elementos geométricos apresentam-se distorcidos, moldados para estarem incluídos. Os gravados têm um assinalável trabalho de reticulado, com uma estreita separação de traço entre si.



Figura 16 - Fotografia de pormenor da peça EI 985.55.4

Caso único é a placa EI 985.55.18 (Volume 2, Ponto 1 e 2: EI 985.55.18) , que só apresenta duas faixas de triângulos, com triângulos de diferentes volumetrias, e perda de qualidade no seu preenchimento interno com as linhas reticuladas, nem sempre totalmente acabados. Apesar de inacabada, a peça EI 985.55.28 (Volume 2, Ponto 1: EI 985.55.28), apresenta uma singularidade em relação às outras: Além da perfuração no topo, no corpo, numa fase posterior à gravação deste elemento geométrico, surgem duas perfurações cónicas, bastante pronunciadas, na primeira e segunda faixas. Poderá ter servido de amuleto, numa fase subsequente de utilização ou reaproveitamento para uma utilização de deposição secundária, já quando se verificaria a peça quebrada. Manuel Heleno na lista que fez, disse tratar-se de um aproveitamento de um báculo.



Figura 17 - Placa EI 985.55.28 (reaproveitamento).

O caso único, já mencionada no ponto **5.2.1**. é a placa EI 985.55.10 (Volume 2, Ponto 1 e 2: EI 985.55.10). Trata-se de uma peça em xisto ardósia, de morfologia trapezoidal, em que o campo superior supera o campo inferior. Faixas oblíquas ocupam a parte superior, onde se pretendeu uma clara simetria. Além da presença persistente do triângulo invertido, incompleto, apesar de não termos a peça totalmente completa, é clara a presença de duas perfurações com dois “sóis” rudemente gravados no anverso e verso, mas que não circundam os furos. Esta interpretação é proporcionada devido à observação de “raios” à volta do círculo solar, que inviabilizam que se trate de outro símbolo estilizado. Quando muito poderíamos admitir “olhos raiados”. Depois de divididos os campos com o recurso a uma faixa média e sem preenchimento interno, o artífice coloca duas faixas com triângulos de dimensões diferenciadas na habitual oposição, preenchidos com base para baixo, lisos e invertidos com base para cima. Para complementar a peça, no seu verso, praticamente na mesma posição onde se encontram os símbolos solares, encontra-se um outro, completo, acompanhado por um elemento que poderia representar um adereço de vestuário (uma fita) preenchido só com traços equidistantes. A peça apresenta-se com um polimento apreciável, mas é possível também observar na borda direita, do verso da peça um tracejado talvez representando uma tatuagem. Esta é uma das componentes que Franksowski vinha já

referenciando no séc. XX, como fazendo parte dos motivos presentes em tapeçarias ou partes de roupa (Frankowski, 1920). Na Europa os vestígios têxteis são muito raros, não tendo sido identificados até ao momento no intervalo de tempo dos 3000 os 1300 a.C., portanto, percorrendo toda a cronologia até ao momento aceite para o fenómeno das placas de xisto gravadas. Testemunhos deste material só existem noutros contextos da Europa, com alguns motivos presentes nas placas de xisto, como na Suíça ou na Alemanha, entre os quais listas, triângulos e ziguezagues (Barber, 1991, pp. 291 a 294).

#### **5.2.6. Placas com a temática decorativa de ziguezagues no corpo**

Inserem-se neste grupo as placas (EI 149 a EI 152, EI 985.55.29, EI 985.55.32, EI 985.55.33, EI 985.55.34, EI 985.55.35, EI 985.55.36, EI 985.55.37, EI 985.55.38, EI 985.55.39, EI 985.55.40, EI 985.55.41, EI 985.55.42, EI 985.55.43, EI 985.55.44, EI 985.55.49, EI 985.55.51, EI 985.55.52, EI 985.55.53 e EI 985.55.54)

1. O primeiro grupo, mais homogéneo - EI 149 a 152: de xisto ardósia, são placas do mesmo horizonte conceptual, de grandes dimensões, quer pela morfologia muito semelhante quer pela temática que partilham, embora com diferenças nalguns detalhes. Concretamente as peças EI 149 a EI 152 (Volume 2, Ponto 1: EI 149 a 152), pela uniformidade que partilham, poderão presumivelmente ter sido gravadas por um artífice comum, fazendo uma comparação macroscópica dos traços. Ambas as placas são de dimensões que se destacam em todo o conjunto. Morfologicamente há a assinalar um cuidado da simetria trapezoidal. Ambas apresentam um “colar” a envolver os habituais triângulos invertidos lisos, incompleto na EI 152, e, em ambos os lados, faixas horizontais alternadas. Nesta mesma peça, o triângulo é formado por reticulado de elevada execução gráfica. Constitui, na sua globalidade, uma placa “*premium*” pela paginação e grau elevado de perfeição na gravação. Um denominador comum entre estas peças é a divisão larga entre os campos, na EI 149 faixas oblíquas convergentes formando setas para vértices para a direita, divididas por uma linha guia horizontal; na EI 152 essa divisão apresenta uma faixa só com

essas setas com a mesma direção, mas sem guia central. No campo inferior, os ziguezagues têm linhas guias verticais, sendo que os vértices estão na interceção destas linhas. Na EI 152, estão presentes 5 linhas guias, onde o ângulo do motivo é mais fechado e na EI 149 os ziguezagues têm um ângulo mais aberto (para 3 linhas guias). Na EI 150, os ziguezagues apresentam-se sem linhas guia, sendo que os campos são divididos entre uma traço simples e um campo superior com faixas oblíquas alternadas e o triângulo invertido simples. A EI 151 contém à mesma as linhas guias, sendo a diferença para a EI 150, a divisória em três faixas, duas delas com triângulos;

2. Um segundo grupo, mais heterogéneo - com 19 peças de médias dimensões, que apresentam uma altura que oscila entre os 105 e 177 mm. Também neste conjunto se verifica uma utilização de ângulos abertos e fechados, consoante a intencionalidade do artesão e a escolha do suporte em termos dimensionais. A peça EI 985.55.33 (Volume 2, Ponto 1: EI 985.55.33), uma das peças mais pequenas deste conjunto, demonstra um cuidado muito acentuado com a paginação e com a gravação, sem apresentar linhas guias verticais. Tem contudo um polimento posterior à gravação na parte central, que se desconhece qual a intencionalidade. Poderá ter sido reutilizada? A perfuração é cónica do verso para o anverso;

Outra peça que possui uma característica interessante é a EI 985.55.39 (Volume 2, Ponto 1: EI 985.55.39), com ziguezagues de utilização de um ângulo muito fechado, e por esse motivo, de nível executivo muito exigente. O espaçamento das faixas apresenta nalgumas localizações da gravação uns escassos 3 mm. Por esta observação se infere que esta peça terá merecido um extraordinário investimento de tempo.

A placa EI 985.55.40 (Volume 2, Ponto 1: EI 985.55.40) tem também algumas peculiaridades na forma como os motivos foram conceptualizados. É conseguido um sistema conjugado, híbrido. Ainda que a conceptualização inicial tenha sido o motivo em ziguezague, é alcançado um regime híbrido ou duplo, ou seja a representação de ziguezagues de ângulo fechado e losangos, representados alternadamente.

O conjunto estudado permitiu individualizar estes dois grandes grupos, representando na coleção, a segunda temática decorativa, com a percentagem de 36%.

Facto que se verifica também para a globalidade dos contextos que têm vindo a ser mencionados no megalitismo ibérico. Mas também nesta temática existem dois grupos de placas: as placas de grande dimensão e de média dimensão. O primeiro grupo encontra-se bem representado nas peças EI 149 a 152, EI 985.55.39 e EI 985.55.44, que demonstram a maior imponência, com uma altura que oscila entre os 180 e os 222 mm. Todas elas apresentam umas linhas guias verticais, nas mudanças de ângulo, interior e exterior com um ângulo aberto, à exceção da peça EI 149, 55.39 e 55.44, que não possuem as linhas verticais e tem um ângulo fechado ao tema ziguezague, o que imprime outra dinâmica aos motivos inscritos.



Figuras 18 e 19 - Pormenores do primeiro grupo de placas EI 149 e EI 152.

Em termos de organização conceptual verifica-se um padrão binário entre faixa ziguezagueante preenchida e lisa que é um denominador comum entre os diversos temas da coleção. Exatamente como defendemos para o grupo dos motivos em triângulo, também neste se verifica uma manifesta lei padrão, de que cada peça corresponde um exemplar não estandardizado, apesar da óbvia familiaridade formal.



Figura 20 - Ângulos fechados da temática decorativa da placa EI 985.55.39.

### **5.2.7. Placas com o corpo em faixas verticais alternadas (EI 985.55.56)**

Para esta temática decorativa só encontramos um exemplar (Volume 2, Ponto 1: EI 985.55.56). Trata-se de uma peça em xisto ardósia, de forma trapezoidal, com uma perfuração, com uma decoração de campo superior clássica, ou seja um triângulo invertido central, com vértice, com 7 faixas paralelas, que se alternam no jogo comum: preenchidas→lisas. No campo inferior encontram-se 16 faixas verticais alternadas a preenchidas a retícula e lisas.

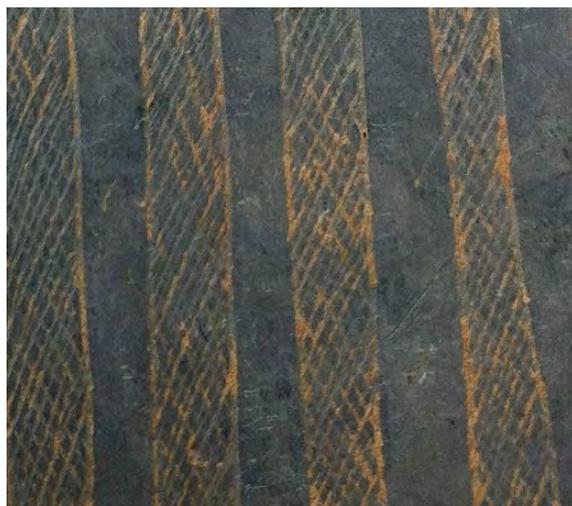


Figura 21 – Faixas verticais (EI 985.55.56).

### 5.2.8. Placas com a temática decorativa no corpo em “espinha” (EI 985.55.57)

Existe um único exemplar com este motivo gravado. A peça EI 985.55.57 (Volume 2, Ponto 1 e 2: EI 985.55.57), de forma trapezoidal, sem furo, tendo na sua configuração a divisão entre topo e base. No campo superior, de ambos os lados há um triângulo invertido incompleto, existem faixas assimétricas, desencontradas. A separação entre campos é realizada por meio de uma série de faixas, constituindo uma separação muito larga com preenchimento com seis linhas horizontais em “espinha”. A base é composta por doze faixas verticais homogêneas em termos dimensionais com preenchimento de linhas oblíquas também em espinha, não totalmente coincidente na terminação com as linhas separadoras de faixas.



Figura 22 – Faixas em “espinha” na placa EI 985.55.57.

### 5.2.9. Placas com vários elementos conjugados: híbridas (EI 989.24.2, EI 985.55.58)

As duas peças que enquadrámos nesta categoria, resultam da diferença em termos morfológicos e também em termos de escolha de gravação de motivos. A peça EI 985.55.58 (Volume 2, Ponto 1: EI 985.55.58), é uma peça rara na tipologia

comummente encontrada para estes artefactos. Tem uma morfologia ovalar, inacabada na cadeia operatória. Em termos de gravação é encontrada uma tentativa de organização dos elementos decorativos da peça. Julgamos que pelo facto de não ser considerada uma placa acabada, poderá contribuir para o entendimento de como se processaria a gravação. Observa-se a gravação inicial da faixa separadora dos dois campos, que se inicia a meio da peça, bem como o início da gravação das linhas em arco no topo da peça. Poderia a gravação começar sempre com a separação dos campos? Seria preciso fazer uma análise das coleções existentes e poder retirar os elementos de denominação comum com peças da mesma fase. Poderia não ser a norma mais comum de abordar uma gravação. Uma só peça não permite inferir a existência de um modelo. Até porque, não é de excluir, com alto grau de probabilidade, que este exemplar, represente uma tentativa abortada de gravação, que não foi bem sucedida resultante de vários fatores: a pouca perícia do artesão (reforçada pela faixa central com linhas muito irregulares e pela retoma de linhas na faixa esquerda do topo da “cabeça”), a forma da peça, um acontecimento programado/não programado de abandono do *terminus* da execução da gravação. Um elemento que também não está terminado é a perfuração cónica no topo da face, funcionalmente nula, se a pretensão fosse a suspensão da peça, porque inacabada. No entanto, a peça apesar de inacabada está presente num contexto de enterramento. Poderá ter sido aposta a um indivíduo. O que não se pode inferir é o momento da sua utilização, quer em termos de datação absoluta, quer em termos de estratigrafia. É de um momento tardio da utilização do monumento (onde já se perderam os preceitos conceptuais da gravação), ou pode ter sido utilizada para uma pessoa comunitariamente considerada menos relevante? É uma resposta difícil de obter com os dados escassos que temos da escavação da anta, na década de 50 do século passado.



Figura 23 - Placa inacabada (EI 985.55.58)

A outra peça com um caráter diferenciador das outras da coleção, é a EI 989.24.2. De uma forma incomum, em forma de goiva e gravações em dupla face, em alguns pontos poderá ter uma gravação tardia, (Volume 2, Ponto 1 e 2: EI 989.24.2). A forma da gravação da peça aparentemente descuidada, engloba vários elementos decorativos. A generalidade da peça não prima pela cuidadosa simetria de gravação, seja por um caráter de descuido / falta de aptidão do executante, ou por uma perda de “identidade” original. No entanto, na forma, a peça apresenta um formato original, com elevada relevância de fabricação e na seleção da matéria-prima (xisto ardósia de qualidade) No topo já não se encontra o tradicional triângulo invertido liso, sendo preenchido por uma linha central, ladeada por traços oblíquos que formam um motivo vegetal (espiga). No campo inferior, faixas de diversas volumetrias (sete ao todo), verticais, são preenchidas por linhas inacabadas, onde a simetria funcional não é alcançada. Na faixa mais à esquerda, uma alternância de triângulos preenchidos com lisos, de inclinação horizontal que não é comum, compõem a peça. No verso, existem linhas que atravessam a peça em toda a sua altura, onde a simetria não é atingida, quer fosse com intencionalidade ou não, são visíveis traços horizontais, onde o objetivo parece ter sido o preenchimento da peça. Curiosa é a gravação de caracteres acima da linha separadora dos campos, muito semelhante à placa da Alcáçova de Santarém, apontada como islâmica (Gonçalves, 2006). Como hipótese, podemos considerar se esta face não poderia ter constituído uma simulação primária de tentativa de gravação, ou já uma fase secundária de aposição dos elementos decorativos. A forma da peça e o seu polimento parecem sugerir esta segunda hipótese. Podemos assumir que esta peça,

apesar de uma conceptualização fundamentalmente antiga, proceder de uma utilização mais recente do monumento. É possível, que tenha havido uma reutilização da peça, visto a gravação não possuir exatamente as mesmas características na intensidade dos sulcos das linhas (mais pronunciadas no anverso) parecendo terem sido feitas por artífices diferentes. No entanto, também não pode ser descartada a hipótese, de se tratarem de graus distintos de gravação (visível em fotografias com cores invertidas, Volume 2, Ponto 1: Fotografias invertidas).



Figuras 24 e 25 - Fotografias invertidas da placa EI 989.24.2.

### 5.3. A análise quantitativa

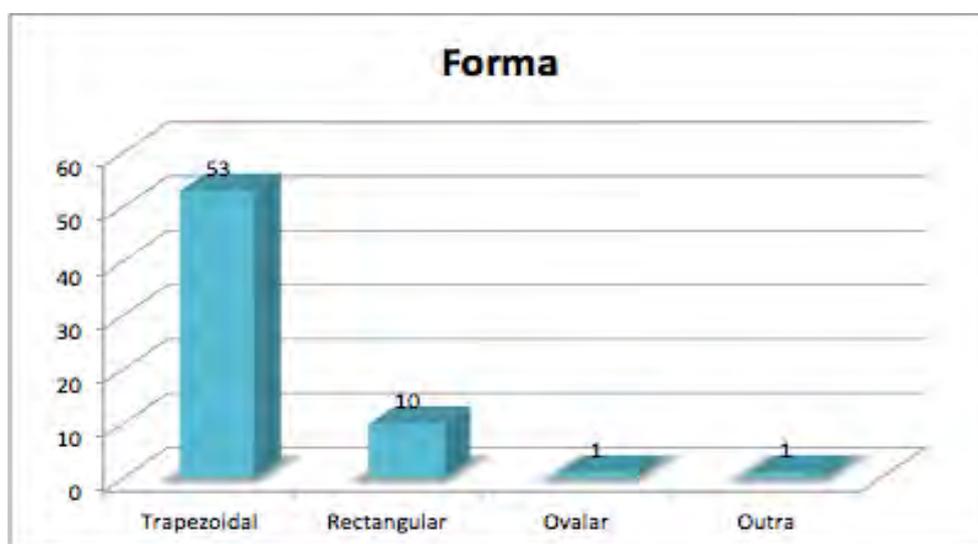
Para uma análise que fornecesse uma outra leitura às tabelas realizadas para cada uma das peças, elaborámos gráficos de diversos tipos, com o objetivo de sistematizar os aspetos gerais de toda a coleção, destacando os vários elementos morfológicos e de gravação das placas de xisto gravadas.

Em termos dimensionais (altura) as placas da ABF 3<sup>1</sup>, excluindo os ídolos, oscilam entre os valores de 105 e 211 mm e uma espessura que oscila entre os 3 e os 14 mm. Em termos da largura de topo e da base, os valores têm uma variação bastante

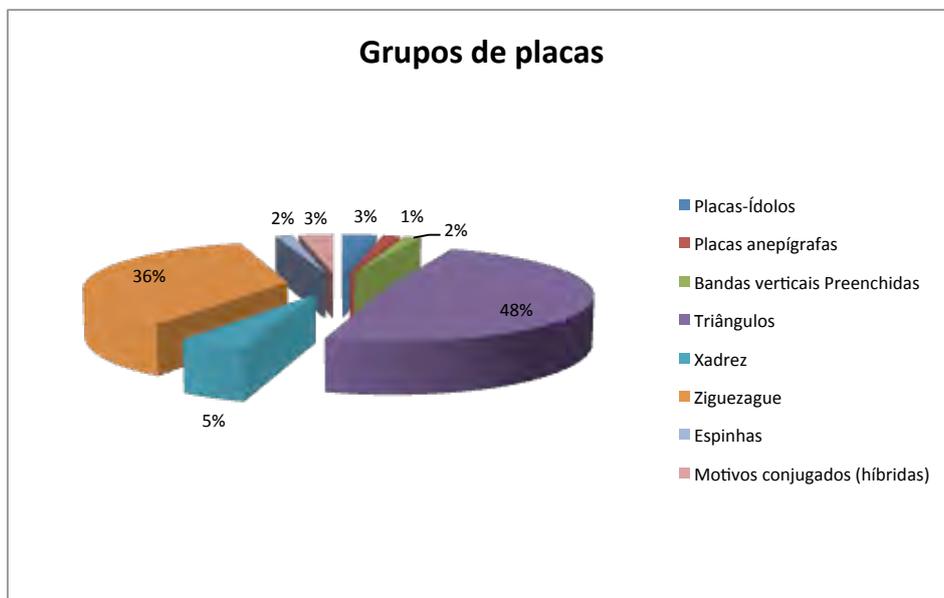
---

<sup>1</sup> Anta do Barrocal das Freiras 3.

grande, no topo entre 31 e 94 mm e na base entre os 59 e os 131,5 mm. Existem mesmo três placas onde este valor é praticamente o valor máximo apresentado (EI 149, EI 150 e a EI 152), podendo indicar que possam ter sido “talhadas” pelo mesmo artífice. É claro que surgem como muito próximas em termos dimensionais. Estabelecemos diversos grupos de placas, e posteriormente selecionámos alguns parâmetros como os Grupos de Placas quanto à sua decoração, à sua morfologia, peso, gravação, se continham um campo ou vários, perfurações na peça, separação de campos, presença ou ausência do triângulo invertido, se este continha um “colar” à volta e os motivos que se encontravam em ambos os lados desse triângulo. Destacam-se maioritariamente a gravação no corpo dos motivos triângulos (com o vértice para cima e reticulados que alternam com lisos com vértice virado para baixo - (▲ ▽), com 48%, logo seguidas por 36%, no motivo em ziguezague (《》) e xadrez (■) com 5%. Os outros motivos são residuais, oscilando entre os 1% e 3% (Placas-Ídolos, placas anepígrafas, bandas verticais preenchidas, espinhas e motivos conjugados).

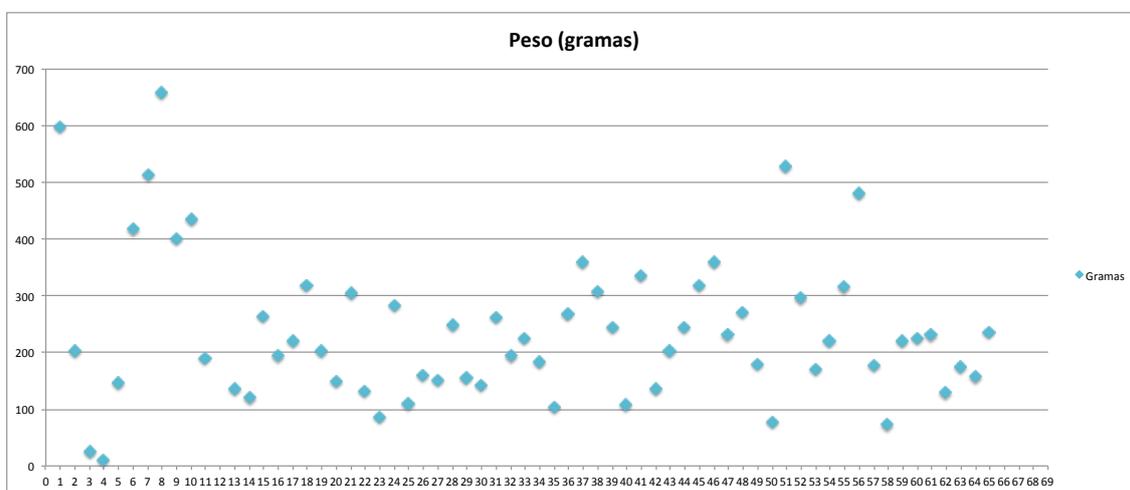


Quadro 2 - Distribuição quanto à forma.



Quadro 3 - Distribuição das placas de xisto quanto à decoração predominante.

Em relação à forma das placas, há um claro predomínio de placas trapezoidais, que alguns autores defendem tratar-se da estilização do corpo de um indivíduo, com 53 placas, da forma retangular 10 placas e outras 2 com outras formas.



Quadro 4 - Desvio padrão do peso das peças.

O peso está intrinsecamente ligado às dimensões das peças, mas traduzem uma conjugação dos três parâmetros (altura, largura superior, largura inferior e espessura), detetando-se uma oscilação entre as 9 e 658 gr. Contudo, maioritariamente, a média situa-se entre as 100 e 380 gr. Podemos partir da hipótese, avançada por diversos

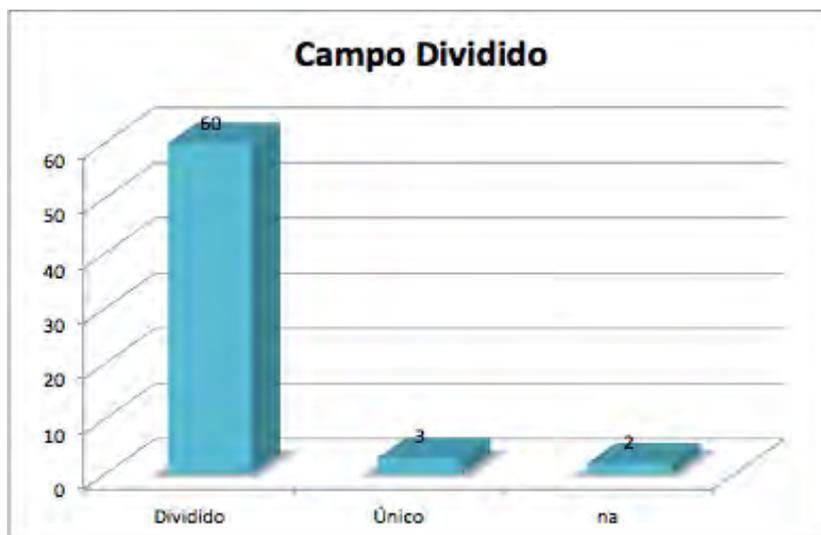
autores que as placas seriam para suspensão no pescoço dos indivíduos, como artefacto bem articulado com o tronco do inumado. Esta assunção é reforçada pelo claro predomínio de peças com perfurações (92%), que indiciam uma suspensão da mesma.



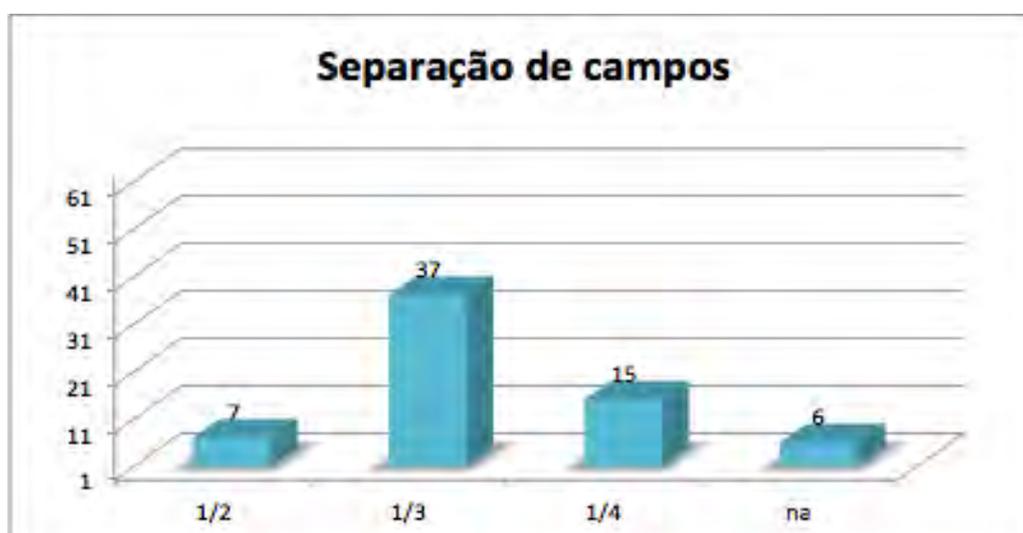
Quadro 5 - Distribuição das perfurações das peças.



Quadro 6 - Gravação das faces

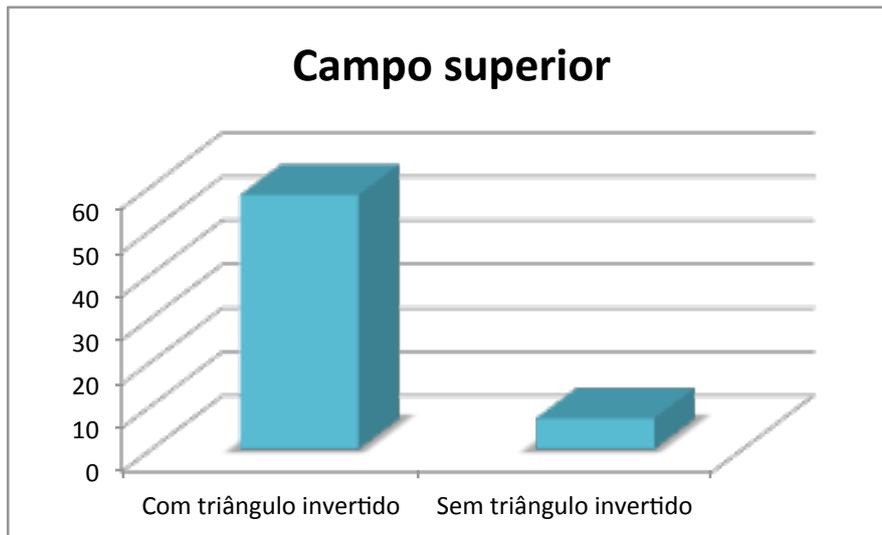


Quadro 7 - Divisão das placas quanto aos componentes gravados

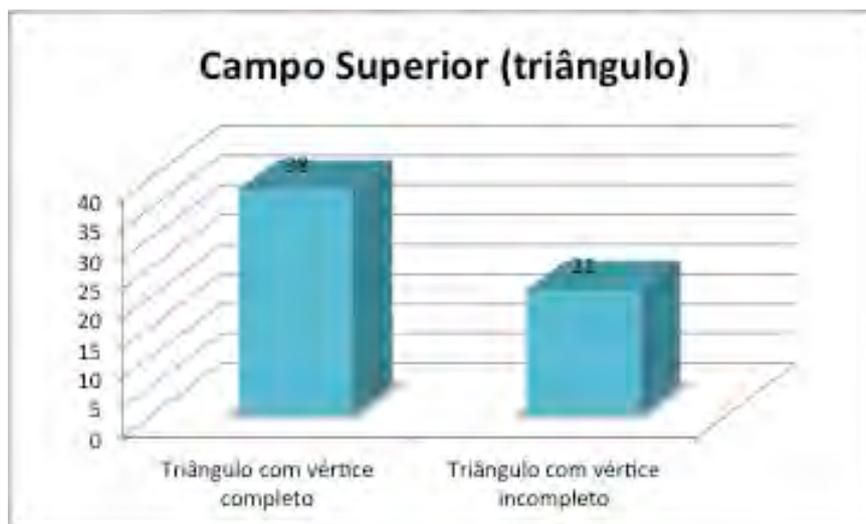


Quadro 8 - Placas quanto à distribuição dos campos.

Para a componente gravação, é esmagadora a escolha de uma solução de gravação de uma única face com um total de 59 placas de xisto. Na organização da gravação, a opção pela separação de campos com uma linha ou faixa(s) também é sintomática da opção em querer diferenciar os campos superior e inferior (com 60 placas) com uma proporcionalidade no suporte tendencialmente orientada para 1/3 da peça.



Quadro 9 - Campo superior (quanto à representação do triângulo invertido).



Quadro 10 - Campo superior (quanto à finalização do triângulo invertido).

Para o campo superior ou “cabeça”, está presente quase sempre um triângulo invertido liso, com uma grande fatia com vértice completo, normalmente ladeado por faixas alternadas preenchidas com reticulado e lisas (48%) ou com faixas oblíquas verticais preenchidas e lisas (37%), em M aberto e triângulos (7%), combinando faixas e triângulos (4%), triângulos alternados preenchidos e lisos ou em Ziguezague, com 2% cada. Grande parte das peças demonstrou um triângulo sem um colar a ladeá-lo (92%).



Quadro 11 - Os triângulos invertidos no campo superior (completos/incompletos)



Quadro 12 - Preenchimento na lateralidade do triângulo invertido (campo superior).

## 5.4. Os dados a reter

Apesar do estudo inicialmente incidir nos aspetos físicos do suporte e na temática decorativa nele impresso, as conclusões desses dados terão de evidenciar interpretações quer de denominadores comuns, quer de singularidades e de hipóteses de explicação:

1. Do conjunto estudado as peças trapezoidais são maioritárias, seguidas pelas retangulares, enquadrando-se na definição de peças clássicas, ou seja placas com divisão entre o campo superior e inferior, quer através de uma linha simples, quer pela presença de uma faixa ou conjunto de faixas lisas ou preenchidas. Segundo Lillios, constituem quase 70% de todas as coleções existentes, e encontram-se sobretudo na região de Évora (Lillios, 2008);
2. A raridade das placas de xisto em relação à gravação de ambos os lados;
3. Praticamente metade da coleção apresenta triângulos como símbolo geométrico no corpo das peças, seguidos pelos ziguezagues e depois pelo xadrez (só encontrado em peças clássicas);
4. A maior parte desta coleção apresenta no campo superior um triângulo liso invertido, na parte central da peça;
5. O triângulo invertido apresenta-se ladeado em 48% dos casos por faixas horizontais alternadas preenchidas com reticulado e lisas, seguidas por faixas oblíquas verticais preenchidas e lisas (37%) e outros motivos mais residuais como triângulos, M abertos e ziguezagues. Também neste parâmetro assiste-se a uma coincidência com a variedade de motivos em relação à realidade encontrada em Évora (Lillios, 2008, p. 53);
6. Só 8% das peças apresentam o “colar” interno no campo superior, que poderá denunciar o caráter distinto da pessoa inumada;
7. O “motivo solar” apenas se encontra presente numa peça (EI 985.55.10), que dificilmente pode ser classificada como “biomórfica” pois não apresenta elementos anatómicos da face e “tatuagens”;
8. A peça EI 985.55.13 poderá ser incluída na categorização de “biomórficas” (as duas perfurações simulam os olhos;

9. A incontestável qualidade “*premium*” da placa EI 985.55.6 impressiona pela qualidade na escolha da matéria-prima, pela manufatura do suporte (proporcionalidade) e pela gravação irrepreensivelmente executada pelo artífice;
10. A peça EI 989.24.2 apresenta-se gravada nas duas faces, com uma morfologia incomum (de tipo goiva), de estilo não clássico, e no verso pode ter uma inscrição de um momento mais tardio da utilização do monumento. Também é claro que na temática, apesar de serem recuperados elementos do passado, existe uma clara deformação do que sucedia nas peças clássicas, estando por isso, inserida provavelmente numa época mais tardia;
11. A quase totalidade das peças apenas tem uma perfuração;
12. A maioritária presença de placas de xisto com separação entre campos;
13. Em termos dimensionais a maior peça atinge os 222 mm de altura (EI 152) e 658 g no peso (EI 150);
14. A familiaridade e imponência das peças EI 989.24.1, EI 148, EI 149, EI 150, EI 151 e EI 152, onde o motivo em ziguezague é registado em 4 peças, podendo pertencer a elementos destacados da sociedade (elites), ou de uma linhagem importante, quer pelos saberes que deteriam na esfera ritual, talvez xamãs (Lillios, 2008, p. 164).

### **5.5. Variabilidade na estilização? Observar para além do padrão (uma aproximação às técnicas dos artífices, modalidade e uniformidade da conceção)**

A coleção estudada apresenta uma panóplia de escolhas que remetem para uma série de considerações factuais e implícitas que implicam interpretações. Toda a base de trabalho que implicou a medição e descrição de cada placa individualmente, é um método direto, que necessariamente deve ser utilizado com muita precaução e não deve ser colocado isoladamente. Este alerta é particularmente importante, pois apesar de uma linguagem comum ou uma conceção comum, a variabilidade no tamanho dos suportes, dos aspetos relacionados com a gravação e da temática representada, tratando-se de um trabalho manual, implicaria obviamente o maior ou menor grau de

especialização do artífice e das eventuais oficinas onde poderiam coexistir diversas fases da cadeia operatória (como o povoado das Águas Frias demonstra). Uma peça poderia ter sido trabalhada e ter-se alcançado um suporte bem proporcionado por um artesão e ser gravada por outro, aparentemente menos dotado para a fase da gravação, das pequenas alterações ao longo do tempo de utilização do monumento onde foram depositadas as peças, e, tratando-se de um objeto ideotécnico, a procura de um sentido para a comunicação que elas pretenderiam alcançar.

Parece existir uma espécie de cunho, marca individualizadora de cada um dos artífices, como demonstram uma série de coleções, e em particular esta, onde o maior ou menor grau de proporção da peça, do seu polimento e da gravação, tendo em conta as variações dos traços, quer a nível de espessura, quer em termos de menor ou maior capacidade da proporcionalidade e perfeição dos temas das formas geométricas inscritas, das linhas e formas relacionadas com aspetos mais ligadas à anatomia humana. A matéria-prima enquanto realidade material que implica estratégias diferenciadas de gravar. Mesmo o xisto negro tem diversas durezas. Sob o ponto de vista macroscópico, as linhas tendem a ser mais grossas em xisto com uma cor mais cinzento médio/negro e azulado e mais finas em xisto que demonstra uma tonalidade de cinzento escuro.

## **5.6. A produção das placas de xisto enquanto manifestação de especialização**

A especialização de produção de elementos materiais, permite sustentar uma visão assente na cada vez maior complexidade da organização societária, em termos sociais ou políticos, neste contexto entendido como um conjunto de determinações da elite, com o objetivo de assegurar a sobrevivência de uma comunidade. Em escalas diferentes, como parece ter sido o caso do Sudoeste Peninsular, existiram especializações na extração mineira em épocas posteriores e de produção de artigos específicos. Entre o Calcolítico Final/Bronze, itens de manifesto exaltar de estatuto demonstram essa especialização (armas, joias de bronze e cobre, bronze e prata e cerâmicas diferenciadas). As placas de xisto gravadas constituiriam um foco de

produção para individualizar elites (fossem chefes de comunidades ou curandeiros: talvez xamãs, feiticeiros ou ainda os primeiros guerreiros). Não é de excluir que as mulheres não tivessem um papel de relevo no domínio da gramática já providenciada pelos têxteis. É possível que, por dominarem o código gravado nas placas, os artífices tenham tido o privilégio de terem usado estes itens. Certo é que se encontra uma uniformidade conceptual por uma geografia de algumas centenas de quilómetros, e numa faixa temporal dilatada. Um estudo levado a cabo por J. Thomas, com software que permitiu fazer *scans* às peças, e, a partir dessa base, proceder-se a um tratamento estatístico, permitiu compreender, através de dois sítios arqueológicos, Pedra Branca e Granja de Céspedes que um pequeno grupo de indivíduos faria a produção de cada um dos sítios (Thomas *et al.*, 2009). Cerca de 36% das placas de Pedra Branca, teriam sido fabricadas por um único artífice, daí que sai reforçada a ideia de que seria uma produção bastante circunscrita a poucas pessoas que dominariam técnicas e temas (códigos) a inscrever. Para as nossas peças parecem existir de facto grupos, que poderão atestar esta especialização, como sucede com a EI 149, 151 e 152. No entanto, não se pode extrapolar de que isto seria válido para todo o tempo em que verificou esta produção, nem naturalmente para todos os monumentos. Claro parece ser o esforço, que a obtenção de matérias-primas parece exigir. De uma simples observação da localização dos sítios de natureza funerária, espalhados pelo Alto Alentejo e as fontes de xisto com qualidade e quantidade suficiente, existem monumentos a mais de 150 quilómetros das principais áreas de extração (Lillios, 2004b).

## 6. Os modelos de interpretação do simbolismo gráfico

*«A crença, ou o valor subjectivo do juízo, com relação à convicção (que tem ao mesmo tempo um valor objectivo), apresenta os três graus seguintes: a opinião, a fé e a ciência. A opinião é uma crença que tem consciência de ser insuficiente tanto subjectiva quanto objectivamente. Se a crença é apenas subjectivamente suficiente e se é ao mesmo tempo considerada objectivamente insuficiente, chama-se fé. Enfim, a crença suficiente tanto subjectiva quanto objectivamente chama-se ciência.»*

Emmanuel Kant, *Crítica da Razão Pura*

Uma grande parte dos discursos produzidos em torno das significações da temática decorativa encontrada em suportes de xisto, sobretudo pelos investigadores mais ligados à arqueologia, no Ocidente Peninsular tem sido ligada ao culto da Deusa Mãe. Atualmente, três grandes modelos divergentes podem ser encontrados na bibliografia:

- A placa de xisto enquanto representação de uma Deusa Mãe que remete para o oriente e mundo mediterrâneo (Morgan, 1897; Corrêa, 1924; Leisner, 1951) e numa fase subsequente o aparecimento de um deus jovem (Gonçalves, 1989, 1995, 2003a e 2011);
- A placa de xisto enquanto representação do inumado que se inter-relaciona com outras manifestações de arte móvel e parietal (Frankowski, 1920; Primitiva Bueno, 2010);
- A placa de xisto enquanto objeto que exprime uma função heráldica através das faixas (Lisboa, 1985; Lillios, 2002, 2004 e 2008).

Estas propostas de explicação de significações da semiótica estão necessariamente influenciadas pelas formações académicas de cada um dos investigadores, das quais se destacam a Arqueologia e a Antropologia e dependem naturalmente das fontes a que recorrem.

Ao nível conceptual há uma clara partilha comum entre as placas de xisto, embora todas as placas tenham características individuais e constituam por isso, entidades materiais distintivas entre si. Também ao nível da utilização dos símbolos, encontrados no mundo onde encontramos as placas de xisto, encontramos o triângulo bem representado (no corpo em 48% da coleção estudada); mas também em cerâmicas campaniformes incisas do Calcolítico, na forma das pontas de seta e alguns geométricos que paralelamente ao que é detetado, também têm formas diversas de triângulos, em peças de vestuário identificadas para o período cronológico do neolítico (Barber, 1991) e em certas pinturas nos esteios dos dólmenes (Bueno e Balbín, 1992, 1994 e 1997). Para além desta presença também verificamos em cerâmicas o motivo em ziguezague e os losangos, nomeadamente em ambiente funerário, exprimindo igualmente uma ritualidade instalada, com temas idênticos. Os “motivos solares” encontrados também na cerâmica, nos ídolos de calcário e osso, báculos e menires como é com o menir da Bulhõa (Reguengos de Monsaraz), seriam assim incorretamente incluídos como uma manifestação de sagrado ligado à deusa, embora alguns deles tenham um raiado à volta de todo o globo ocular, diferente da anatomia humana. Por esse motivo Primitiva Bueno defende de que os “olhos solares” estariam ligados à arte esquemática Ibérica (Bueno, 2010, pp. 40-41). Quem observa, no entanto, uma placa com este motivo, apesar das dimensões e posicionamento destes “olhos” na parte superior é inegável uma interpelação para o sujeito que a visualiza, ilusoriamente, contudo, pois terá de ser um quadro mental produzido pela observação do sujeito (Volume 2, ponto 1, fotografias da peça EI 985.55.10). No entanto esta percepção também poderá ser evidenciada com maior ou menor grau, pelas placas/ídolos que com duas perfurações, que simulam efetivamente um olhar, mas só em determinadas simetrias dos “olhos” (como sucede com as peças EI 111 e 985.55.13). Da forma como é processado o visionamento da peça também existe uma influência das interpretações que possam ser avançadas. Se a premissa de que as perfurações seriam para suportar as placas, provavelmente recorrendo às fibras vegetais, também não pode ser negado que esse facto implicaria uma idêntica alteração interpretativa.

Determinados motivos simbólicos têm uma prevalência no tempo, outros apesar da representação ser idêntica, alteram a significação. Os símbolos têm de ser

vistos como uma forma de transmissão de uma mensagem, porque estão impregnadas de lei e estrutura, o que não significa que necessariamente sejam linguagem. A produção de símbolos radica já no domínio implícito cultural que se opõe à natureza (Lacan, 1991).

A noção de coordenadas temporais é extremamente importante. Mesmo para comunidades em geografias opostas têm significações contrárias. O carácter chinês “tsi”, até à bem pouco tempo, exprimia união e harmonia. Mas até no espaço partilhado, mas em cronologias e contextos diversos, um dos símbolos mais comuns presente nas gravações, como sucede com o triângulo, terá pontos de explicação divergentes. Um triângulo, normalmente o equilátero, para uma sociedade maçónica representará a união do número 3 - em que cada um dos vértices representa Deus, Cosmos e o Homem (Figueiredo, 2000, p. 32).

A recolha de certos elementos que permitem tentativas de interpretação, oriundas da etnografia e antropologia cultural, não estão muito vocacionadas para as coordenadas temporais. Daí que em inúmeras ocasiões o estudo das sociedades vivas deva ser conectado com a recolha comportamental e com os resíduos materiais (Binford e Sablof, 1982, p. 144).

Já foi afirmado que além da interpretação do suporte estar impregnado em si da ideia de ser uma representação do inumado, poderia obviamente ser também da Deusa Mãe, com a possibilidade de se registarem outras divindades. É notavelmente reconhecido pelos autores das chamadas comunidades primitivas já produtoras de parte do que consomem, que o elemento Terra ganha um importante simbolismo. Para Eliade, «*A descoberta da agricultura transforma radicalmente não somente a economia do homem, mas antes de tudo a sua economia do sagrado. Outras forças religiosas entram em jogo: a sexualidade, a fecundidade, a mitologia da Mulher e da Terra...As Grandes-Deusas-Mães e os Deuses Fortes ou os génios da fecundidade são claramente mais dinâmicos...*» (Eliade, 1978, p. 136).

Para se compreender a força deste elemento não é necessário recorrer a grandes correntes de opinião, para ajuizar o papel da Nutridora Universal que ela constitui. Acima dela está efetivamente o Céu, onde habitam os demais Deuses, que fizeram na conceção de muitas culturas, a ordenação do caos em ordem (Eliade, 1978, p. 127).

A simbologia que estava presente nos diversos espaços, a partir do Paleolítico Superior, sofre do modo como tinha sido representado, um “eclipse”, para se reportarem agora à boa tradição mediterrânica, à continuidade da componente humana (Gonçalves, 1993). Acrescente-se igualmente que a força dos ciclos sazonais na crença destas comunidades poderia ter uma força, também na preservação dos elementos constituintes de um grupo. É agora, a representação, no Neolítico, mais estilizada, mas não perde a vitalidade. E um símbolo de carácter sagrado não perde a força, não deixa de difundir a mensagem, mesmo quando não é compreendida, pelo menos na totalidade (Eliade, 1978, p. 139).

À partida, as representações do Neolítico teriam perdido toda a admiração das estatuetas Aurinhacenses, também elas invocando o princípio feminino (Gourhan, 1964, pp. 14-29).

Vergílio Correia é favorável ao elemento feminino e não hesitava em considerar o assunto em análise também em consonância: «*No tengo ninguna duda en colocarlas al lado de la divinidad femenina, que se manifiesta por toda la Europa Neolítica e Eneolítica*» (Correia, 1917, pp. 29-35).

Afinal é da *Terra Mater* que brotam todos os seres, sejam animais ou vegetais. Daí que não seja displicente a ideia de que este objeto executado com mais ou menos cuidado, acompanhasse o morto, com o seu simbolismo próprio, ao mundo que o tinha gerado. De notar que «*as pedras são comparadas aos ossos da Terra-Mãe, o solo à sua carne, as plantas aos seus cabelos*» (Eliade, 1989, p. 136). O próprio objeto em xisto, fosse de que género fosse, tinha sempre impregnado em si a sugestão da pertença à criadora primordial, a *Terra Matrix*. Se este axioma for verdadeiro, podemos aceitar com poucos receios o conceito de vida para além da morte e a ideia implícita de renascimento (Eliade, 1989, pp. 136-141). Tal como as estações se sucedem, também a vida do ser humano é um ciclo. Fazer a descida, com os ritos próprios, de cada comunidade, é mais uma fase.

Se avançarmos no tempo, poderemos detetar variados casos de persistência nesta crença, noutros estratos culturais e noutras cronologias. Hesíodo na Teogonia, afirma «... *Terra (Gaia), primeiro deus à luz um ser igual a ela mesma, capaz de a cobrir totalmente, o Céu (Uranos) estrelado, que oferecia aos deuses bem-aventurados morada segura para sempre*» (Eliade, 1978, pp. 153-154).. Ainda mais um exemplo

para concretizar a sugestão, refere-se a Plêiades de Donone: «*A Terra é a nossa mãe, o Céu é o nosso pai, o céu fertiliza a terra pela chuva, a terra produz os cereais e as plantas*» (Eliade, 1978, pp. 154).

Especulando acerca dos ritos que eventualmente poderiam ter lugar, temos várias informações etnográficas, que despertam alguma curiosidade. Entre os *Khonds* da Índia, faziam-se efetivamente sacrifícios à Terra. Era selecionado um meriah, um escolhido, que era venerado, pela comunidade, enquanto decorria a cerimônia. Proclamava-se entretanto «*Ó Deusa, nós oferecemos-te este sacrifício; dá-nos boas colheitas, boas estações e uma boa saúde!*» (*Ibidem*). De seguida processava-se uma orgia, que duraria vários dias. Depois de drogado, o meriah, seria estrangulado, sendo dividido aos bocados. Os diversos aldeamentos receberiam um pedaço do corpo já desmantelado, que depositariam nos pedaços de terra (Eliade, 1989, p. 157).

É evidente que não se pretende transpor esta realidade, distinta no tempo, diferente no espaço, à realidade do Sudoeste Peninsular, desde o Neolítico ao Calcolítico. Como é óbvio não temos provas arqueológicas, que permitam afirmar tais ritos. Mas que outros poderiam existir hipoteticamente, é possível.

#### As Separações, Componentes e Figurações

Se nos recordarmos visualmente da totalidade da placa de xisto, quase sempre encontramos uma imagem tripartida. O que é gravado no seu topo superior não corresponde ao que se observa no topo inferior. A divisão entre esses dois campos efetua-se normalmente por uma faixa, ou várias, sejam elas finas, médias ou grandes. Se aceitarmos a proposta de Anati para as estátuas-estelas do IV milénio a. C. até ao II milénio a. C. (Anati, 1977, pp. 45-46), era possível avançar para várias visões cosmogónicas produzidas por diversos autores da História das religiões, em que se regista um mundo superior, a terra e o mundo inferior: «*A parte superior representa o Céu, a zona central quer apresente um cinturão ou o próprio busto, simboliza a terra, ou melhor o mundo dos vivos, a parte inferior é o reino dos mortos*» (Anati, 1977, p. 45). No entanto a realidade pode não ser a mesma, para as placas de xisto. Os suportes são diferentes, as ideologias poderão também não ser as mesmas.

Há várias observações nas sociedades sem escrita que podem justificar, a já exposta proposta de separação (Eliade, 1971, p. 45). É perfeitamente aceite que uma das características da criação é transformar o ovo cósmico, impregnado de caos, em algo que manifeste ordem e harmonia.

Para o casal Leisner a opinião era substancialmente diferente: «*o triângulo no campo superior da placa, quase nunca ausente e cuja importância é óbvia, em conjunto com o corpo da placa é o símbolo da própria terra*». (Leisner, 1949). Também na parte superior da placa encontra-se o que vários autores apelidam de «pinturas faciais» ou «tatuagens», variando na disposição e inclinação, quase sempre presentes (Zbyszewsky, 1957).

Os “olhos da Deusa” fazem parte de outra componente, numa última fase da sua existência (Gonçalves, 1995, p. 311). Os Leisner não deixam de tratar esta componente da figuração. Desde logo, afirmavam que «*alguns cientistas tendem a ver nas placas de xisto representações do próprio indivíduo sepultado, conforme o “Ka” da religião egípcia, ao passo que outros julgam terem sido efígies de uma deidade*» (Leisner, 1949, p. 18). Mais tarde, propunham que «*a irradiação à volta dos olhos poderia indicar que se trata de símbolos astrais, frequentes, aliás, nas pinturas rupestres e que aparecem também na cerâmica eneolítica*» (Leiner, 1951, p. 131). Para Gimbutas, o novo símbolo teria sido trazido por uma vaga Indo-Europeia durante o período Calcolítico atingindo grande parte da Europa (Gimbutas, 1973). Este é um símbolo que está também presente em cilindros de calcário tipo Moncarapacho, em falanges de animais e artefactos de cerâmica (Gonçalves, 1995, p. 311).

Em território atualmente português este símbolo regista-se em:

- Alguns povoados Calcolíticos como Vila Nova de S. Pedro, Monte da Tumba e Santa Justa e Perdigões;
- Antas como a da Farisoa;
- Tholos da Praia das Maçãs;
- Grutas naturais como (Poço Velho, Marmota, Galinha, Lapa do Bugio);
- Grutas artificiais como a de Carenque.

Já na parte inferior (campo inferior) os símbolos, para uns, as figurações geométricas, para outros, são mais diversificados. Pode, efetivamente, tratar-se de uma componente estilizada das comunidades agrícolas. Assim há a registar vários tipos de figurações:

- O Xadrez
- As Espinhas
- Os Triângulos
- Os Ziguezagues

Um dos mais representativos no universo total das placas de xisto do Alto Alentejo, é sem dúvida o triângulo. De facto o triângulo ou «dentes de lobo» como alguns autores designaram, é um símbolo com ampla continuidade no tempo, como já se viu e em diversos suportes. No Neolítico Antigo, surgem-nos vários vasos em cerâmica com decoração a “cardium”, em que os triângulos estão presentes. Para Eliade, desde os tempos Pré-Históricos aos tempos modernos, em diversas comunidades espalhadas pelo mundo, tanto as ostras, como os moluscos, continham em si propriedades mágicas de regeneração (Eliade, 1952, pp. 162-164). Também no fenómeno campaniforme, o triângulo parece ter assumido um papel importante, tal como o ziguezague e o xadrez. Para citar exemplos na Pré-História de outras partes do globo, temos o caso da cerâmica chinesa ligada ao acompanhamento dos mortos e a escandinava, na cultura megalítica, observada por Hanna Rydh (informação oral). Para Victor S. Gonçalves, os triângulos teriam mais a ver com o triângulo púbico da Deusa, também com analogias das cerâmicas (Gonçalves, 1992, p. 82). Segundo o mesmo autor em vez de o vértice ser orientado para baixo, como se regista nas cerâmicas, nas placas era orientado para cima (Gonçalves, 1992, p. 82), no entanto não lhe atribui uma simbologia com esta intencionalidade. Quando se colocou a expressão «dentes de lobo», servia para ilustrar a alternância dos triângulos vazios, com vértice para baixo e os triângulos preenchidos, por linhas intersecantes, orientados para cima. A este preenchimento que vai alternando, poderíamos opinar para uma situação analógica dos contrários, sempre presente no quotidiano das comunidades produtoras dos seus alimentos, que influenciariam a sua vida de um modo decisivo: dia/noite; vida/morte; ordem/caos;

masculino/feminino; fogo/água (Lewis-Williams; Pearce, 2005, pp. 113-114). A aceitarmos a tese fogo e a antítese água, teríamos a síntese simbólica, de regeneração, quando o inumado desceria às entranhas da terra. Mais uma vez a noção de ciclo não é despropositada. Poderia efetivamente tratar-se de uma representação de padrões de vestuário (Bueno Ramirez, 2010 e Calado, 2010) ou então tratar-se meramente da ocupação de um dado espaço (Gonçalves, 1992). Esta última proposta dificilmente pode ser aceite depois do que já foi exposto.

Para os ziguezagues os problemas não são menos complicados. O que sabemos é pouco, e poderá não fazer o mesmo sentido para as sociedades agrícolas. Sabemos contudo que em diversas partes do globo, reporta-se à água. Em religiões antigas da Índia, Irão e Creta, havia efetivamente um culto explícito à Deusa Mãe, como divindade do precioso líquido, a água. Sendo assim a água poderia correlacionar-se com algo divino que teria poderes regenerativos importantes. Etnograficamente é um motivo abundante na tapeçaria, ainda hoje presente no Alentejo. Em Çatalhöyük, um povoado na Anatólia, datado de cerca de 6700 a.C., os ziguezagues surgem em associação com imagens de representações que procederão de estádios mentais de entendimento do cosmos e a mediação entre o mundo terreno com o céu e a junção do espírito de animais com espíritos ou entidades sobrenaturais (Lewis-Williams e Pearce, 2009, pp.121-122). Também nas casas no Burkina Faso, na África Ocidental, demonstram uma profusão de motivos geométricos, como os triângulos e os ziguezagues curiosamente elaboradas pelas mulheres.

Numa outra latitude e longitude, bem afastado do continente Europeu, nos Parques Nacionais do Grand Canyon e do Glen Canyon (EUA), numa época de mudança climática que terá ocorrido por volta dos 2000 a.C., povos apelidados de “arcaicos”, com uma ocupação do espaço direcionada para as cavidades naturais, terão experimentado tempos de escassez de alimentos, que terá provocado uma alteração das simbologias representadas nos desfiladeiros. Surgem figurações antropomórficas, com símbolos geométricos associados (talvez símbolos religiosos, interpretados como entidades xamânicas como meio de abordar o problema, datadas anteriormente a 4000 a.C. (Schroedl, 2006, pp. 5-8).



Figura 26 - Arte Rupestre (Figuração Antropomórfica). Foto do catálogo *Canyonlands National Park*.

Se para os zigzagues as potenciais respostas não abundam, para o xadrez ou quadrados vazios/preenchidos, a situação não é de facto a mais favorável. Para alguns autores que não da área arqueológica, já que desta área os contributos são escassos, o facto do preto se alternar com o branco, poderia significar as duas componentes óbvias da vida e da morte. Se um estádio compreende a luz, a claridade, o outro corresponderá a escuridão (Cirlot, 1981). Se recorrermos a um facto etnográfico, poderá ajudar. É sabido que os Dogon, que habitam as falésias de Bundiagara, por alturas do falecimento de um dos membros da sua comunidade, são adornados com vestes em xadrez afirmando o autor que escreve sobre este povo, que «*representa a descontinuidade da matéria, o mundo, os campos cultivados e o caminho a percorrer da terra ao céu*» (Servier, 1980, p. 85).

Parece-nos que a junção de vários elementos quer seja nas placas de xisto consideradas mais antigas, mais estilizadas, ou nas mais tardias biomórficas ou com a inter-relação de elementos cosmológicos, os “Olhos de Sol” com a temática decorativa usual, abundantemente preenchidas com temas geométricos, congregam numa mesma peça, uma intencionalidade de fusão, que é idealizada numa espécie de sincretismo com as várias mundividências das comunidades agricultoras. Mundo esse, onde se reúnem pela primeira vez na história da humanidade, uma série de mecanismos

pluridimensionais da natureza humana: a vida material, finita, assente nas conquistas da natureza, onde a produção de alimentos proporciona a estabilidade suficiente para erigir âncoras da presença humana (nomeadamente menires e antas) e a vida espiritual, outra dimensão humana, difícil de mensurar, mas fazendo parte da criação de um cérebro em constante produção de sentimentos, tão poderoso que é capaz de produzir o conceito do divino, com geração de várias divindades. É em si «*uma tentativa muito inteligente dos seres humanos de resolverem os seus problemas... em lidar com a mortalidade e a dor, de uma forma religiosa. É uma das grandes invenções dos seres humanos*» (Damásio, s/d: entrevista).

Sem dúvida que a proposta de Bueno, tem sentido e é facilmente demonstrável através da sua dissertação sobre o tema, com a escolha de determinados suportes e figurações específicas para cada um dos diversos territórios, podendo constituir uma figuração estilizada do inumado, mas é difícil considerar os “motivos solares” como um marcador humano, ou os símbolos como uma só uma derivação de elementos já presentes na cestaria ou no vestuário. Também o modelo elaborado incipientemente por I. Lisboa e mais progressivo de K. Lillios, tem o mérito de criar um modelo assente na criação de grupos expressos nas placas pelos códigos em bandas que lá estão contidos. Mas, em nossa opinião, esquece o contexto maioritário onde são encontradas, ou seja em monumentos de forte vínculo com as comunidades, tal como a investigadora afirma, mas também certamente impregnadas de ritualizações de deposição de artefactos vários, alguns sem marca de utilização como as pontas de seta ou algumas cerâmicas. A dimensão religiosa, bem atestada em épocas anteriores, nomeadamente no paleolítico, com as famosas deusa mãe, não devem ter desaparecido de forma tão abrupta. Aliás, o sistema de identificação heráldico para comunidades destas nunca foi anteriormente detetado, *per si* (Calado, 2008). Nem mesmo as cerâmicas campaniformes, com alguns motivos idênticos às placas de xisto gravadas, como sucede com os triângulos ou zigzagues, não parecem evidenciar um sistema complexo de identificação étnica. Para K. Lillios (Lillios, 2002) no seu modelo construído, através de uma amostra de 680 placas, diverge completamente das visões mais persistentes do séc. XX e XXI. Através da sua interpretação, a investigadora deduz que:

1. Não é o tamanho da peça que condiciona o número de faixas numa peça, mas antes esta intenção é precedente à sua dimensão. A respeito desta proposta, pelo estudo da nossa coleção não obtivemos os mesmos resultados, apesar da amostra ser 9 vezes menor do que a estudada por Lillios. As peças com maior dimensão que têm o motivo em triângulo por exemplo, obtêm o maior número de faixas (4, 5 e 6), enquanto as de média dimensão têm 2 e 3 faixas. Uma das reservas que colocamos é se só se deveriam contabilizar os preenchidos isoladamente ou os preenchidos e lisos conjuntamente? Para o caso do ziguezague existe uma prevalência para 2 e 3 faixas, mas as peças de maior dimensão têm claramente um maior número deste motivo; Para o xadrez, as três peças, com faixas diversas não permite qualquer extrapolação;

2. Maior número de faixas em comparação com as que possuem menos faixas. De facto o conjunto das nossas peças também permite ter esta interpretação. Não existe nenhuma com um único registo e com 2 faixas também só existem 4 peças para o motivo do triângulo. Contudo, esta observação também é válida para o número máximo de faixas (6), onde só existem 2 exemplares. É possível concluir, que os extremos, mínimos e máximos estão próximos. Se o raciocínio estivesse de acordo com estes argumentos, poderíamos afirmar de que o maior grupo de pessoas inumadas seria a de terceira geração (16 placas);

3. Para a dispersão geográfica, K. Lillios afirma que à medida que o número de registos aumenta, existe uma correlação com a expansão territorial através das ligações sociais, de uma área central de Évora para Oeste até às Península de Setúbal e Lisboa. Se esta premissa estivesse correta, diríamos que a nossa coleção estaria num ponto médio de passagem. Através de um mapa esta proposta não seria difícil de aceitar, se o pressuposto do ponto de partida fosse efetivamente o atual distrito eborense;

4. O número de pessoas da mesma linhagem deveria ter um registo contínuo, sendo encontrado um número elevado de placas com o mesmo nível de registo de faixas. De facto este resultado é encontrado nesta coleção (16 placas com três faixas de triângulos e com 2 e 3 faixas para os ziguezagues).

Para as continuidades dos motivos a discussão pode ser levada para outros caminhos. O tema dos triângulos é maioritário, no entanto os ziguezagues apresentam-se no

segundo tema mais representado, seguido do xadrez. Resultados diferentes foram encontradas para as coleções estudadas por K. Lillios.

Num mundo cada vez mais complexo, o Megalitismo a nível Europeu tem evidenciado de uma forma inequívoca, a relação dos monumentos, quer sejam santuários como Stonehenge, na Grã-Bretanha ou os Almendres, em Portugal, quer em dólmenes, em Portugal que se estendem do Norte ao Sul do País, uma ontogénese da sua construção, intrinsecamente ligada à cosmologia, tendo a astronomia desempenhando o instrumento de avistamento longínquo da abóbada celeste, constituindo um fascínio que os seres humanos desse tempo colocaram na sua esfera vivencial terrena. Os corredores e aberturas dos dólmenes encontram-se maioritariamente alinhados com o ciclo particular do nascimento da Lua Cheia, mais concretamente nos equinócios e solstícios, que parecem ter sido intencionalmente escolhidos, para a sacralização dos espaços onde estão inumados os entes de uma comunidade que proporcionam âncoras identitárias. Daí que a Anta, mais do que a funcionalidade tradicionalmente atribuída de ser o recetáculo final dos restos mortais, é um polo vivo para os ritos que deveriam ter aí lugar sobretudo em acontecimentos que parecem ser regidos por leis físicas previsíveis de um cosmos em movimento. Também ao nível dos sítios que têm vindo a ser escavados, no Sul de Portugal, como os Perdigões (Reguengos de Monsaraz), Porto Torrão (Ferreira do Alentejo) e Xanra (Cuba, Alentejo) existe uma intencionalidade geométrica das plantas, onde existe uma coincidência clara com os pontos cardeais de organização do espaço, demonstrando a conceção de uma cosmologia organizada em tripartido (Valera, 2003 e Valera, 2008, p. 120). Desta forma A. Valera considera que *«as abordagens cosmológicas, inspiradas pela fenomenologia, têm sublinhado a inadequação de perspectivar, de forma compartimentada, as vivências das comunidades pré-históricas, nomeadamente as separações entre sagrado e profano e entre humano e o natural: a vida quotidiana, o cosmos, a religião, constituiria uma unidade não separada e não separável»* (Valera, 2008, p. 118).

Neste mesmo mundo, em que a mortalidade deveria ser prematura, embora tenhamos poucos estudos de grupos de populações Neo-Calcolíticas, a placa de xisto assumiria o papel de substituição em “espelho” do inumado, daí que também deveria ter uma funcionalidade de identificação, mas em termos antrópicos. Se o conhecimento das comunidades já era o suficiente para saber o carácter destrutivo dos solos ácidos do Sudoeste Peninsular, em particular o Alentejo, cedo teriam constatado, pela exumação dos corpos para futuras reutilizações dos monumentos funerários, a necessidade de depositar junto de alguns seus semelhantes, algo menos precível do que objetos orgânicos. Se o monumento megalítico, teria um papel de marcador de paisagem “macro” como espaço âncora do grupo, a placa de xisto gravada seria um outro marcador “micro” individualizador. Sendo certo que escasseiam datações fiáveis, conjuntamente, com sequências crono-estratigráficas também apropriadas, visto ser de extraordinária relevância perceber como se faziam as constantes utilizações, nomeadamente numa fase tardia de utilização dos monumentos, é muito difícil distinguir dinâmicas de evolução dos enterramentos.

Se a amostra total de peças que hoje é estimada for efetivamente perto de 4000 peças, e se se mantiverem os mesmos dados sobre datações, fazendo uma simples divisão aritmética, para um máximo de 750 anos, só teríamos uma média de utilização de 5.33 placas por ano. Esta constatação suscita, contudo, alguns problemas, aliás frequentes sempre que se consideram as médias:

1. Não considera a possibilidade de dinâmicas arritmadas ao longo desta diacronia;
2. Ignora as violações a que os monumentos foram alvo durante os períodos históricos sincrónicos e subsequentes, alterando em diferentes graus as amostras. De facto as escavações se pudessem ter sido realizadas com outro enquadramento metodológico (muitos sítios foram escavados na segunda metade do séc. XIX e XX), poderíamos ter um quadro global destes, que nos mostrasse as intrusões operadas nos depósitos;
3. Desconhece quantas antas poderão ter sido destruídas irremediavelmente sobretudo em época Romana ou na Idade Média, pela utilização dos blocos que as constituíam, alterando parte da amostra.

Apesar destes constrangimentos, se aceitássemos o pressuposto da exclusiva raridade por ano da deposição destes objetos, estaríamos tentados a considerar a sua utilização em indivíduos com elevada diferenciação social nas comunidades, não sendo, por isso peças de circulação massiva. Neste axioma é importante salientar que conhecemos muito mal a estruturação social destas épocas, como tal é uma hipótese. Por outro lado, parece haver uma clara desproporcionalidade entre o número de povoados e antas. Tal poderá, no entanto, ficar a dever-se a um grau muito distinto entre características dos assentamentos, uns mais perecíveis, outros já com uma delimitação muito vincada, através da utilização de fossos e muralhas. No processo histórico em que Portugal se insere, múltiplos povos, de diversas proveniências, ocuparam e percorreram o território numa longa diacronia que alterou irremediavelmente os contextos dessa época. Para épocas contemporâneas, sobretudo no Baixo Alentejo, mas também no Alto Alentejo e Alentejo Central, as consequências da intensidade da agricultura mecânica baseada na monocultura provocou a alteração de contextos, destruindo depósitos preservados. No caso particular de realidades perecíveis ou menos monumentais as consequências terão sido nefastas para o património em geral.

Inseridas ou não na classificação das chamadas placas clássicas, ou seja só gravadas com motivos geométricos, as placas de xisto gravadas parecem ter constituído uma manifestação religiosa, mas também uma mundividência das comunidades que lhes deram origem, uma solução tripartida, que englobaria a representação marcador do inumado, a componente gráfica geométrica, de princípios de denominação comum de um quadro comumente significativo para os elementos da comunidade e com uma figuração mais ligada a aspetos cosmológicos como os “olhos raiados”, elementos também presentes noutros suportes que desempenhariam um fator de proteção divina ligada ao princípio do eterno retorno, com paralelos à orientação das antas, que deveriam remeter para o renascimento. Na maior parte das antas do Sul de Portugal, as cabeceiras estão orientadas para Nascente (Este). Diversos autores, entre os quais Manuel Heleno, o casal Leisner (anos 50), Michael Hoskin e Manuel Calado (2004) têm vindo a constatar que uma grande parte dos monumentos, sejam sepulturas ou antas, estão preferencialmente orientadas para o nascer do sol. Manuel Heleno coloca mesmo em 90% das antas que escavou nesta orientação (Oliveira *et all.*,

2007). C. Marciano Silva propõe em consistência com os dados que obteve, que estes monumentos tivessem uma carga simbólica, no equinócio da Primavera, como significante da Ressurreição, findo o Inverno (Silva, 2004). Para Montemor-o-Novo, dos 142 monumentos megalíticos, a orientação do azimute situou-se na média de 98,7°, na designada Lua de Primavera, mais ligada à importância da simbologia lunar (Oliveira *et all*, 2007). A fusão parece ter sido a forma como o homem do Neolítico se relacionava com a Natureza, onde se produzem âncoras na paisagem, as antas e os menires, que se fundem enquanto realidade idealizada e que domestica pelas traduções possíveis da imagem conceptualmente idealizada pelo elemento humano (Criado Broado, 1993 e 1995). Constituirão por isso, suportes de uma mesma conceptualização do mundo, marcos de uma união efetiva de realidades dicotómicas: Real/Simbólico, Dia/Noite.

## 7. A análise geológica. Discussão das hipóteses

Com o objetivo de se estabelecer uma aproximação às possíveis fontes de captação de matéria prima (xisto) para a produção do espólio estudado, foram previamente selecionadas num sistema GIS, três áreas com a existência de xisto designado por XM: Filitos e psamitos (Complexo vulcano-sedimentar de Moura-Santo Aleixo, Xistos de Moura) nas imediações do sítio onde são provenientes as peças, num raio de 15 quilómetros. A confirmar-se que o material geológico era semelhante, a ser considerada esta distância seria viável colocar-se a hipótese, das peças, terem sido produzidas em povoados nas imediações da anta. Dessas três áreas fizeram-se recolhas de várias amostras de xisto (Recolha 1, 2 e 3) para fazer uma comparação do material geológico em específico que permitisse a aquisição de pistas da correspondência com as amostras das peças EI 985.55.10, 985.55.23, 985.55.30, 985.55.31, 985.55.34, 985.55.35, 985.55.42, 985.55.45, 985.55.49 e 985.55.52 (Volume 2, Ponto 5: Geologia, Análises de amostras) e com as amostras dos pontos de recolhas PA1 e PA2 (Volume 2, Ponto 5: Geologia, Análises de amostras), no laboratório do Instituto Hercules da Universidade de Évora, com recurso a um espetrómetro. Estas amostras, puderam ser testadas no âmbito geo-químico e correspondem a 15% do total do universo de 65 placas. As amostra PA2 e PA3 eram passíveis de antever macroscopicamente a diferença de parâmetros em relação às outras amostras.

As três áreas dos pontos de recolha (PA) foram:

Recolha 1 (PA1): a 2,84 quilómetros NO da povoação das Silveiras, em linha reta (Coordenadas geográficas: 38° 40' 14.23" N, 008° 21' 19.77" O), respetivamente a 10,92 quilómetros da anta;



Figura 27 – Área de recolha 1.

Recolha 2 (PA2): a 4,39 quilómetros SO da povoação de Montemor-o-Novo, em linha reta (Coordenadas geográficas: 38° 37' 5.53"N, 008° 15' 14.38" O), respetivamente a 15,04 quilómetros da anta;



Figura 28 – Área de recolha 2.

Recolha 3 (PA3): a 8,82 quilómetros NE de Montemor-o-Novo, em linha reta (Coordenadas geográficas: 38° 43' 17.20" N, 008° 10' 31.44" O), respetivamente a 10,09 quilómetros da anta.



Figura 29 – Área de recolha 3.

Seguramente, destas zonas com menores concentrações de xisto, não se mostraram viáveis na correspondência, pelo método desenvolvido. Poderia a matéria-prima ter sido extraída num centro produtor? Ou vários? Poder-se-ia especular a hipótese de poderem ter sido produzidas no povoado de Águas Frias, a cerca de 83,5 quilómetros em linha reta com a Anta 3 do Barrocal das Freiras. Numa vasta área de cerca de 1.010 quilómetros quadrados existe a potencial exploração de OS: Xistos negros e liditos (silúrico) + xisto e arenitos (Formação Colorada)/não diferenciada. Mas também poderiam ter sido extraídas mais perto, na zona de Estremoz, que contem em abundância suficiente o xisto negro, ou ainda, mais próximo do que a primeira opção, nas zonas de Arraiolos, Portel e Reguengos de Monsaraz com uma área de cerca de 1.034 quilómetros quadrados. Para já, com o equipamento que estava disponível, foi possível observar, nas amostras estudadas, a prevalência do xisto negro como matéria-prima preferencial. Somente a Amostra da recolha 1 evidenciou que se tratava de xisto de cor e compactação diferenciadas às amostras das peças estudadas. Também em relação à análise geoquímica os valores para os grupos selecionados de elementos, demonstraram ser diferenciados, e, portanto, menos suscetíveis de serem considerados.

Concretamente para as amostras estudadas, das peças *supra citadas*, foram trabalhados dois grupos de composição geoquímica: um primeiro grupo com os elementos Silício (Si), Ferro (Fe) e Alumínio (Al) e um segundo grupo com elementos

Potássio (K), Sódio (Na) e Cálcio (Ca). Destes dois grupos foram obtidos os maiores valores de composição nos resultados de espectro. Resultantes dos dados foram elaborados gráficos circulares com percentagens (100%) dos valores nominais por grupo, que proporcionassem uma leitura interpretativa mais simplificada (Volume 2, Ponto 5: Geologia, Análises de amostras). Pela apresentação dos gráficos podemos afirmar em que as partes constituintes os primeiros 3 elementos químicos, as amostras 985.55.10,

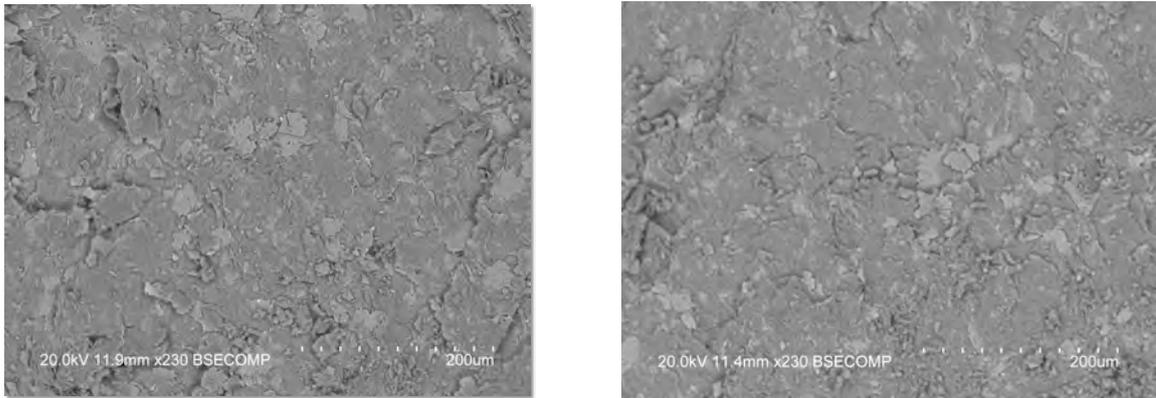


Figura 30 e 31 - Exemplos das análises das amostras EI 985.55.30 e 985.55.49.

23, 30, 31, 34, 35, 42 e 49 não tendo percentagens idênticas, parecem formar um grupo coerente; as amostras 45 e 52 apresentam valores ligeiramente diferentes, mas que deverão significar a variações normais em termos geológicos; A amostra PA2 é seguramente distinta dos dois grupos. Para os outros três elementos K, Na e Ca, as amostras 985.55.10, 23, 30, 31, 35, 42, 45 e 49, ao nível das percentagens e da representação gráfica, parecem pertencer a um grupo homogêneo. Depois existem outras duas amostras, respetivamente a 52 e 34, com valores ligeiramente diferentes, que farão parte do desvio da variação aceitável e normal. A amostra PA2 releva valores não coincidentes com as restantes amostras, como já sucedia com os três primeiros elementos químicos.

Apesar da constatação destes resultados, recorde-se que aplicada a uma amostra limitada, um dos problemas que se colocam nos xistos é precisamente a pouca

diferenciação que existe entre as áreas geográficas, que só poderá minorada com meios complementares de diagnóstico (informação do Prof. Doutor José Mirão, IHUE), em que se possam comparar elementos físicos de determinadas recolhas com amostras de peças. Com os dados que obtivemos, pelo menos para a amostra analisada, a fonte de captação das matérias-primas é a mesma. As variações, embora existindo, devem ser assumidas como variações normais em geologia.

Considerando a longa diacronia de utilização de um monumento com estas características, com diversas reutilizações, é possível que as fontes de captação de xisto tivessem sido variáveis, pelos artesãos especializados ou pelo menos de pessoas que dominassem as técnicas formais do talhe, numa primeira fase, logo seguido da gravação que poderia ser levada a cabo por um estilete de sílex, ou no calcolítico já de metal. Mas o estudo deveria ser alargado à totalidade da coleção, e à comparação com outras áreas geográficas, entretanto, já sugeridas.

## 8. Conclusões

*«...dado o estado de um sistema num determinado momento, as leis da Natureza determinam as probabilidades de vários futuros e passados, em vez de determinarem o futuro e o passado com certeza.»*

Stephen W. Hawking e Leonard Mlodinow (2011, p. 76).

Um estudo, de uma região, de um sítio ou coleção, só poderá ser minimamente consequente se não esquecer os ambientes já estudados, neste caso Pré-históricos, conhecidos. É por isso que para formular modelos mais abrangentes é necessário primeiro partir da unidade para o conjunto. Se para um conjunto de peças, interpretadas imediatamente com a tónica funcionalista, a dificuldade é inerente, para os objectos que têm sido classificados como ideotécnicos, a inata descoberta de multiversos de possibilidades, despertam um incentivo redobrado, mas dificuldade acrescidas. Uma ciência que estuda as vertentes da vivência humana no passado, como é a História, em consequência do excessivo positivismo, tem proporcionado um leque um pouco estreito na procura de aproximações a uma versão da realidade.

Muito embora possamos achar que os autores antigos tendo estudado as realidades estruturais e materiais de modo pouco cuidado, como parece indicar a linha de “*investigação*” de Manuel Heleno, com consecutivas incursões pelo território nacional, esventrando monumentos megalíticos, impossibilitando para os investigadores atuais, novas abordagens e leituras, a verdade é de que não se poderá voltar para trás. Sobretudo perderam-se contextos, registos estratigráficos, recolhas de material orgânico e inorgânico que proporcionariam novas leituras. Aliás um termo muito usado por Manuel Heleno era “*deu*” referindo-se ao que tinha sido recolhido em cada anta por onde esteve, deixando perceber que o método seria a recolha sem mais de todo o espólio que se encontrasse dentro dos monumentos. Para além das informações que perdemos para sempre, a quase inexistência de associações de restos osteológicos com os conjuntos deposicionais inviabiliza quase sempre uma visão integrada do global. Mas esta ideia simplista, carece da perspetiva também inerente aos processos que as monografias e estudo têm permitido revelar. Tratando-se de monumentos de carácter coletivo e com intrusões constantes, com corpos processados, estamos perante um fenómeno difícil de homogeneizar, com uma longa diacronia de

utilização e reutilizações, com processos assistemáticos e que diferem de sítio para sítio. Mas é certo que alguns monumentos poderiam hoje dar respostas mais elucidativas.

Para as placas de xisto gravadas, a pouca correlação de contextos é dramática. É por este motivo que se inviabiliza, por esta via, uma correlação correta entre as placas e os corpos depositados que poderia atestar inequivocamente o seu cariz antropomórfico. O modelo escolhido para interpretar as inscrições geométricas de que uma grande maioria delas comporta, defendida por Katina Lillios, sem dúvida sedutor, carece de uma base inteiramente segura, que os desenhos estudados, realizados pelos Leisner não proporcionam totalmente. Há também uma diferença que é interessante notar. Os símbolos apesar de manifestarem uma forma de organização da natureza, não são ainda necessariamente linguagem (Lacan, 1991). O processo iniciado no século XX, manifesta como interpretação para as placas de xisto decoradas, como símbolo da presença de uma Deusa Mãe também não é por si só suficiente. Em consequência, a abordagem deve ter uma componente não só historiográfica-arqueológica, mas também recorrer a outras disciplinas que demonstrem como as sociedades se relacionaram com os objetos. O leque que poderemos obter, ainda que não totalmente transposto para a realidade arqueológica, dá-nos, contudo, pistas que proporcionam outros quadros e explicações. Os próprios “*olhos raiados*”, poderão manifestar um sincretismo entre mundos aparentemente dicotómicos, entre a componente humana e a cosmologia, no entanto significantes de uma fusão de realidades que fazem parte do mesmo universo.

A anta 3 do Barrocal das Freiras, proporcionou um conjunto alargado de 65 peças, que podem ser classificadas, quase na sua maioria, partindo de um esquema já anteriormente definido, por clássicas. Existem porém, outras peças, com alguns componentes mais ligados a símbolos claramente antropomórficos. Sendo certo que cada exemplar efetivamente mantém uma “*personalidade*” própria, também na mesma linha de postura em relação aos menires e antas, uma realidade individual que partilha, contudo, uma semiótica concreta e comum, com códigos assumidos de facto por comunidades, não necessariamente idênticas, que perdura durante vários séculos na pré-história, num território bem delimitado (Sudoeste Peninsular). Para além das sempre pertinentes questões interpretativas, uma das questões que poderá ser mais desenvolvida no futuro é a obtenção da matéria-prima para a feitura destes *itens*. No caso concreto deste monumento, apesar da pequena amostra estudada, a percepção, é a

de que, a pouca disponibilidade de material geológico numa área geográfica de um pequeno raio previamente delimitado, o xisto não é aí obtido. Identificam-se áreas que poderiam ter efetivamente ser potenciais fornecedoras.

Partindo de estudos concretos, as placas de xisto gravadas, podem auxiliar a produzir um quadro mais lato, o que nos permite entrar no pensamento do homem da pré-história e todos os laços que mantinha com a natureza e a cultura material que produzia.

## 9. Bibliografia

ANATI, E. (1977) – “Origine e significato Storico-Religioso delle Statue-Stele” in *Bollettino del Centro Camuno di Studi Preistorici*, vol.16, pp. 36-58.

ANDRADE, M. (2009) – *Megalitismo e comunidades megalíticas na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo)*, Tese de Mestrado (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), policopiada.

ALMEIDA, F. de; FERREIRA, O. (1956) – “Placas de xisto antropomorfas do Museu Lapidar Igeditano”, in *Revista de Guimarães*, vol. LXVI (1-2).

ARNAL, J., GROS, A. (1962) – “As placas de xisto gravadas do sul da Península Ibérica”, *Revista de Guimarães LXXII*, Sociedade Martins Sarmiento, pp. 301-318.

ARNAUD, J.M.; GONÇALVES, J.L.M. (1995) – “A Fortificação Pré-Histórica de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja)- 2ª parte” in *Separata da Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa, nº 2, pp. 21-22; 31.

BAHN, P. (1997) – *Arqueologia: Uma breve introdução*, Lisboa, Gradiva, pp. 57-69.

BARBER, E.J.W. (1991) – *Prehistoric textiles*, Princeton, NJ: Princeton University Press.

BINFORD, L. R.; SABLOFF, J. A. (1982) – *Paradigms, systematics and archaeology*, *Journal of Anthropological Research*, nº 38, pp.140-153.

BREUIL, H. (1935) – *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique*, Paris.

BRÉZILLON, M. (1969) – *Dicionário de Pré-História*, trad. de Maria Gabriela de Bragança, Lisboa, edições 70.

BUENO RAMIREZ, P. (1992) – “Les plaques décorées alentejaines: approche de leur étude et analyse”, *L'Anthropologie*, Paris, 96:2-3, pp.574-604.

BUENO RAMIREZ, P. (1992) – “Les plaques décorées alentejaines: approche de leur étude et analyse”, *L'Anthropologie*, 96 (2-3), pp. 573-604.

BUENO RAMIREZ, P.; VALCARCE, R. ; GARRIDO, P. (2003) – “Placas, Estatuas, Ídolos, Representaciones antropomorfas megalíticas en Galicia. A Carballeira (PonteVedra)”, in *Brigantium* (A Coruña : Museo Arqueolóxico Provincial e Histórico da Coruña, vol. 14, pp. 47-61.

BUENO RAMIREZ, P. (2010) – “Ancestros e imágenes antropomorfas muebles en el ámbito del megalitismo occidental: Las placas decoradas”. In CACHO, C; MAICAS, R.; GALÁN, E; MARTOS, J.A. (Coord.) – *Ojos que nunca se cierran: ídolos en las primeras sociedades campesinas*, Madrid, Ministerio de Cultura.

CALADO, M. (2004) – *Menires do Alentejo Central. Génese e Evolução da Paisagem Megalítica Regional*. Tese de Doutoramento (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), policopiada.

CALADO, M. (2004 a) – “Entre o Céu e a Terra. Menires e arte rupestre no Alentejo Central”, in Calado, M. (ed.) – *Sinais de Pedra. I Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.

CALADO, M. e ROCHA, L. (2007) – “As primeiras sociedades camponesas no Alentejo Central: a evolução do povoamento”. In CERRILLO, E. e VALADÉS, J. (eds.), *Los primeros campesinos de La Raia. Aportaciones recientes al conocimiento del Neolítico y Calcolítico en Extremadura y Alentejo*, Cáceres, Memorias 6, pp. 29-46.

CALADO, M. (2010) – *Rock art schist plaques*, artigo Equinócio de Outono, GEMA, [www.crookscape.org/textset2010/textset2010.html](http://www.crookscape.org/textset2010/textset2010.html).

CARDITO ROLLÁN, L.M. (1996) – “Las manufacturas textiles en la prehistoria: Las placas de telas en el Calcolítico peninsular.”, in *Zephyrus*, Salamanca, 49, pp. 125-145.

CARVALHOSA, A. E ZBYSZEWSKI, G. (1994) - *Notícia explicativa da folha 35-D (Montemor-o-Novo)*, Lisboa, Instituto Geológico e Mineiro.

CASTRO, L. (1961) – “A simbólica e a evolução dos ondulados”, *Comunicação apresentada ao I Colóquio Portuense de Arqueologia*, Porto.

CASTRO, L. (1963) – “Figura antropomórfica e as placas de xisto”, *Actas do II Colóquio Portuense de Arqueologia*, Porto, Lucerna vol. III, pp. 96-109.

CIRLOT, J.E. (1981) – *Dicionário de símbolos*, Barcelona, Colecção Labor, 4ª edição.

CORRÊA, A. A. (1924) – *Os Povos Primitivos da Lusitânia*, Porto.

CORREIA, V. (1917) – “Os ídolos placas” in *Terra Portuguesa*, ano 2, nº 13-14, pp. 29-35.

CRUZ BERROCAL, M. E VICENT GARCÍA, J. (2007) – “Rock Art as an Archaeological and Social Indicator: The Neolithisation of the Iberian Peninsula”, *Journal of Anthropological Archaeology* 26, pp. 676-697.

DAMÁSIO, A. (2010) – *O Livro da Consciência, a construção do cérebro consciente*, Maia, Temas e Debates, Lisboa, Círculo de Leitores.

DÍAZ-DEL-RIO, P.; SANJUÁN, L.G. (2006) – *Social Inequality in Iberian Late Prehistory*. Oxford: Archaeopress.

DINIZ, M. (2000) - “Neolitização e megalitismo: arquitecturas do tempo no espaço”, *Muitas antas, pouca gente?*, in *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*, Victor S. Gonçalves, ed., Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 105-116.

ELIADE, M. (1952) – *Images et symboles, essai sur le symbolisme magico-relegieux*, Paris, Gallimard.

ELIADE, M. (1978) – *O Sagrado e o Profano: a essência das Religiões*, Lisboa, Edições «Livros do Brasil», pp. 127-161.

ELIADE, M. (1989) – *Aspectos do Mito*, Trad. de Manuela Torres, Lisboa, Edições 70, pp. 25-38.

ELIADE, M. (1989) – *Origens: História e sentido da Religião*, Lisboa, Edições 70, pp. 69-109.

ELIADE, M. (1992) – *Tratado da História das Religiões*, Trad. de Fernando Tomaz e Natália Nunes, Porto (1ª edição), Edições ASA, pp. 131-133; 169-176; 180-182; 185-189; 305-308; 357-360; 525-528.

ELIADE, M. (2000) – *Mitos, Sonhos e Mistérios*, Lisboa, Trad. de Samuel Soares, Edições 70, pp. 135-157.

EVANS, D. (2005) - “From Lacan to Darwin”, in *The Literary Animal; Evolution and the Nature of Narrative*, Evanston, Northwestern University Press.

FIGUEIREDO, J. (2000) - *Dicionário de Maçonaria*, Editora Pensamento.

FRANKOWSKI, E. (1920) – *Estelas discoideas de la Península Ibérica*, Madrid, Museu Nacional de Ciencias Naturales, pp. 7-34.

GARCIA, L. (1950) – *Los Sepulcros Megalíticos Catalanes y la Cultura Pirenaica*, Barcelona, Mon. del Inst. De Estudios Pirenaicos, Prehistoria y Arq. 4, pp. 83-84.

GIMBUTAS, M. (1973) – “The Beginning of the Bronze Age in Europe and the Indo-Europeans: 3500-2500 B.C” , *The journal of Indo-European Studies*, vol. I, nº 2.

GOMES, M. V.; MONTEIRO, J. P. (1976-77) – “As Estelas decoradas da Herdade de Pomar - Estudo comparado”, *Setúbal Arqueológica*, Junta Distrital de Setúbal, vol. II-III.

GONÇALVES, V. S. (1970) – “Sobre o Neolítico na Península de Setúbal, (II. A propósito das duas placas gravadas da Lapa do Bugio)” in *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. I, pp. 407-421.

GONÇALVES, V. S. (1978) – *A neolitização e o megalitismo da região de Alcobaça*, Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura, pp. 19-20.

GONÇALVES, V. S. (1983-84) – “Cabeço do Pé da Erra (Coruche), contribuição da campanha 1(83) para o conhecimento do seu povoamento calcolítico”, *Clio/Arqueologia I*, pp. 69-75.

GONÇALVES, V. S. (1989) – “Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular: Deusa(s)-Mãe, placas de xisto e cronologias”, *Almansor- Revista de Cultura*, Montemor-o-Novo, nº 7, pp. 289-299.

GONÇALVES, V. S. (1991) – *Sítios, «Horizontes» e Artefactos: Leituras críticas de realidades perdidas*, *Arquivos de Cascais*. Cascais, 10. Revisto e republicado em: Gonçalves, 1995b, pp. 223-226; 233-237; 239-243.

GONÇALVES, V. S. (1992) – *Revedo as Antas de Reguengos de Monsaraz*, Lisboa, Cadernos da UNIARQ, 2, INIC.

GONÇALVES, V. S. (1995) – “A deusa das placas de xisto”, *História de Portugal dos tempos pré-históricos aos nossos dias*, direcção por João Medina, Alfragide, Clube Internacional do Livro, pp. 310-311.

GONÇALVES, V. S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*, Lisboa, MNA/UNIARQ, Lda, 1ª edição.

GONÇALVES, V. S. (2000) – *Muitas antas, pouca gente? – Trabalhos de Arqueologia*, Lisboa, vol. 16, Instituto Português de Arqueologia.

GONÇALVES, V. S. (2003a) – “Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular: 4. “A síndrome das placas loucas”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, nº 6, pp. 131-157.

GONÇALVES, V. S. (2003b) – *STAM-3, a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.

GONÇALVES, V. S. (2004a) – “As placas de xisto gravadas dos sepulcros colectivos de Aljezur (3º milénio a.n.e.)”, in *O Arqueólogo Português*, nº 22, pp. 163-318.

GONÇALVES, V. S. (2004b) – *As deusas da noite: o projeto “Placa Nostra” e as placas de xisto gravadas da região de Évora*, Lisboa, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, pp. 49-72.

GONÇALVES, V. S. (2004c) – *Muita gente, poucas antas? Espaços, Origens e contextos do Megalitismo* in *Actas do 2º Colóquio internacional sobre Megalitismo, Reguengos de Monsaraz*, Lisboa, *Trabalhos de Arqueologia*, 25.

GONÇALVES, V. S. (2006) - «Quelques questions autour du temps, de l’espace et des symboles mégalithiques au Centre et Sud du Portugal [Some questions about times and megalithic symbols in the centre and the south of Portugal]». *Origine et développement du mégalithisme de l’ouest de l’Europe*, vol. I, Bougon, pp. 485-510.

GONÇALVES, V. S. (2009) – *As Ocupações Pré-Históricas das Furnas do Poço Velho (Cascais)*, Lisboa, CMC/UNIARQ, vol. 3.

GONÇALVES, V. S. (2011) – *As placas de xisto gravadas (e os báculos) do sítio do Monte da Barca*, Lisboa, Cadernos da UNIARQ, 7, UNIARQ.

GORBEA, A. (1969) - “Los ídolos-cilíndricos del bronce en la Península Ibérica”, *Trabajos de Prehistoria*, Instituto Español de Prehistoria, Departamento de Prehistoria da la Universidad de Madrid, Madrid, Vol. 26, pp. 221-274.

HAWKING, S.W; MLODINOW, L. (2011) - *O Grande Desígnio*, Lisboa, Gradiva.

HELENO, M. (1956) – “Um quarto de século de investigação arqueológica”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: [s.n.]. (n.s.): III, p. 221-237.

HURTADO, V. (2008) - “Ídolos, estilos y territorios de los primeros campesinos en el sur peninsular”, en C. Cacho, R. Malcas, J.A. Martos y M.I. Martínez Navarrete (eds.), Madrid, *Acercándonos al Pasado*, Ministerio de Cultura. Prehistoria en 4 actos.

HURTADO, V. (2010) – “Representaciones simbólicas, sitios, contextos e identidades territoriales”, in CACHO, C; MAICAS, R.; GALÁN, E; MARTOS, J.A. (Coord.) – *Ojos que nunca se cierran: ídolos en las primeras sociedades campesinas*, Madrid: Ministerio de Cultura.

JORGE, S. O. (1999) – *Domesticar a terra: As primeiras comunidades agrárias em Território Português*, Lisboa, Gradiva, 1ª edição.

KANT, I. (2004) – *Critica da Razão Pura*, Fundação Calouste Gulbenkian, 5ª edição.

LACAN, J. (1991) - *The Seminar of Jacques Lacan: Book II: The Ego in Freud's Theory and in the Technique of Psychoanalysis 1954-1955*, W.N. Norton & Company.

LANDAU, J. (1978) – *Les représentations anthropomorphes mégalithiques de la région méditerranéenne (3e. Au 1er. Millénaire)*, Centre de Recherches Archéologiques, Mémoires, Paris, Pub. De L’U.R.A., nº 7, vol. I.

LEISNER, G. (1945) – “A Cultura Eneolítica do Sul de Espanha e as suas relações com Portugal”, *Arqueologia e História*, Lisboa, vol. 1, 8ª série, Associação dos Arqueólogos Portugueses.

LEISNER, G. (1949) – “Antas dos arredores de Évora”, *Estudos de História, Arte e Arqueologia*, Évora.

LEISNER, G.; LESINER, V. (1951) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*, reimpressão Lisboa, UNIARCH/INIC, 1985, pp. 114-140, 155-167.

LESINER, G.; LESINER, V. (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, 2, Walter de Gruyter, Lieferung, Berlim.

LEISNER, V. (1965) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, Lieferung: Berlin, Walter de Gruyter, 3.

LEROI-GOURHAN, A. (1985) - *As religiões da Pré-História: Paleolítico*, reimp. da versão original de 1964, Lisboa, Edições 70.

LEWIS-WILLIAMS, D. ;PEARCE, D. (2005) – *Inside the neolithic mind*, London, Thames&Hudson.

LEWIS-WILLIAMS, D. (2010) – *Conceiving God, the cognitive origin and evolution of religion*, London, Thames & Hudson.

LILLIOS, K. (2002) – “Some new views of the engraved slate plaques of southwest Iberia.” In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, número 2, volume 5, pp. 135-151.

LILLIOS, K. (2004) – “Lives of Stone, Lives of People: Re-Viewing the Engraved Plaques of Late Neolithic and Copper Age Iberia”, in *European Journal of Archaeology*, nº 7 (2), pp. 125-158.

LILLIOS, K. (2006) – “Liminal animals, luminal people: the Barn Owl (*Tyto alba*) and the engraved plaques of Late Neolithic and Copper Age Iberia”, in *Atas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular: Animais na Pré-História e Arqueologia da Península Ibérica*, Estudos de Património. Departamento de História, Arqueologia e Património. Universidade do Algarve, pp. 27-34.

LILLIOS, K. (2008) – *Heraldry for the Dead*, University of Texas Press.

LISBOA, I. (1985) – “Meaning and Messages: Mapping style in the Iberian Chalcolithic”, in *Archaeological review from Cambridge*, Cambridge.

MARIA, A.; PINTO, J.S. (1979) – “Problemas de análise descritiva de placas de xisto gravadas do Megalitismo Português”, *Actas da 1ª Mesa Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*, Porto, trabalhos da G.E.A.P.

MONTET, Pierre (1963) – “O Egipto Pré-Histórico”, *O Homem Antes da Escrita*, direção de André Varagnac, Lisboa, Cosmos.

MORENZ, P. (1977) – *La religion Égyptienne*, Paris, Payot.

OLIVEIRA, C.; ROCHA, L.; SILVA, C. M. (2007) - “ Megalitismo funerário no Alentejo Central - arquitetura e orientações: o estado da questão em Montemor-o-Novo”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, número 2, vol. 10, pp. 35-74.

OLIVEIRA, J. (2006) – *Património Arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*, Edições Colibri/Universidade de Évora.

PINA, H.; CARVALHO, A.M. (1961) – *A Anta da Velada das Éguas*, Évora, Junta Distrital de Évora, nº 2.

RENFREW, C.; BAHN, P. (1996) – *Archaeology: Theories, Methods and Practice*, London, Thames and Hudson, 2nd edition, pp. 369-401.

ROCHA, L. (2005) – *Origens do megalitismo funerário...a contribuição de Manuel Heleno*, Tese de Doutoramento (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), policopiada.

RODRIGUES, M. (1986) – *Código para a análise das Placas de Xisto Gravadas do Alto Alentejo*, Câmara Municipal de Castelo de Vide, vol. 1.

RODRIGUES, M. (1986) – *Estudo Ideológico-Simbólico das Placas de Xisto Gravadas*, Câmara Municipal de Castelo de Vide, vol. 2.

ROLLÁN, L. (1996) – “Las Manufacturas textiles en la Prehistoria: Las placas de telar en el Calcolítico Peninsular”, in *Zephyrus* (Revista de Prehistoria Y Arqueologia), vol. XLIX, pp. 125-145.

SENNA-MARTINEZ, J. C.; VENTURA, J. (1999) - “Espaço Funerário e “Espaço Céptico”: a Orca do Folhadal (Nelas)”, *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, Lisboa, Colibri, nº 5, pp. 21-34.

SERRÃO, E. (1978) – “A Lapa do Fumo”, *Ciclos de Palestras na Fundação Engenheiro António de Almeida*, Porto, trabalhos do G.E.A.P.

SERVIER, J. (1980) – *L'Homme et L'invisible*, Paris, Imago.

SILVA, M. (1993) – “Conjecturas sobre astronomia megalítica”, Comunicação apresentada ao *I Simpósio Transformação e Mudança*, Cascais.

SILVA, C.M. (2004) - “The spring full moon”, *Journal for the History of Astronomy*. Cambridge, 35:3, pp. 475-478.

SCHROEDL, A. (2006) – “The Power and the Glory – Shamanistic Arts of the Archaic Period”, *The Archaeology of Horseshoe Canyon*, Canyonlands National Park pp. 5-8.

SOUSA, A. C. (2010) - *O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa*, Tese de Doutoramento (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), policopiada.

SPINDLER, K. (1995) - *O Homem no gelo*, Mem-Martins, Editorial Inquérito, Universidade de Insbruck - Áustria.

THOMAS, J. T. (2009) – “Approching Specialization: Craft Production in Late Neolithic/Copper Age Iberia”, in *Institute of Archaeology*, vol. 19.

THOMAS, J. (2004) – *Archaeology and Modernity*, London, Routledge (Taylor & Francis Group), pp. 171-222.

VALERA, A.C.; LAGO, M.; DUARTE, C; EVANGELISTA, L.S. (2000) – “Ambientes funerários no Complexo Arqueológico dos Perdigões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias Calcolíticas no Alentejo”, in *Revista ERA Arqueologia*, Lisboa, Era Arqueologia/Colibri, nº 2, pp. 84-105.

VALERA, A.C. (2003) - “A propósito de recintos murados do 4º e 3º milénios A.C.: Dimâmicas e fixação do discurso arqueológico”, (S.O. Jorge, coord.), *Recintos murados da Pré-História Recente*, Porto-Coimbra, DCTP/CENCP, pp. 149-168.

VALERA, A.C. & FILIPE, I. (2004) - "O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular", *Era Arqueologia*, Lisboa, ERA Arqueologia/Colibri, nº 6, pp. 28-61.

VALERA, A.C. (2008) - "Mapeando o Cosmos. Uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-História Recente", in *Revista ERA Arqueologia*, Lisboa, nº 8, ERA Arqueologia/Colibri, pp. 112-127.

VALERA, A.C. (2010) - *Irrealidade Prodigiosa*, Post 149 de 26 de Janeiro de 2010, [www.irrealidadeprodigiosa.blogspot.com](http://www.irrealidadeprodigiosa.blogspot.com).

VALERA, A.C. & BECKER, H. (2011), "Cosmologia e recintos de fossos da Pré-História Recente: resultados da prospecção geofísica em Xanra (Cuba, Beja)", *Apontamentos de Arqueologia e Património*, Lisboa, NIA-ERA Arqueologia, 7, pp. 23-32.

VASCONCELLOS, J. L. (1897) – *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, vol. I.

VEIGA, S. (1887) – *Antiguidades Monunmentaes do Algarve*, Lisboa, Imprensa Nacional, vol. II, pp. 429-462.

WOODS, A.D. e LILLIOS, K. (2006) – "Wearing Stone: Experimental Use-Wear Analysis of the Iberian Engraved Slate Plaques, in Bicho, N. (ed.)", *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro 2004)*, Faro, Centro de Estudos de Património, pp. 29-37.

ZBYSZEWSKY, G. (1957) – *Comparasion entre une plaque de schiste gravée de Lisbonne et une de Huelva*, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, XXXVIII.